

AS

CARTAS DE FRAENKEL



AS
**CARTAS DE
FRAENKEL**

MUSEU CASA DE BENJAMIN CONSTANT

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-Presidente

Geraldo Alckmin

Ministra da Cultura

Margareth Menezes

Presidente do IBRAM

Fernanda Santana Rabello de Castro

Museu Casa de Benjamin Constant**Direção**

Elaine de Souza Carrilho - Museóloga

Chefia de Serviço

Eduardo Bruno Pires e Albuquerque - Auxiliar Administrativo

Administração

Maria Alice Miller - Administradora

Chefia Técnica

Marcos Felipe de Brum Lopes - Técnico em Assuntos Culturais |
Historiador

Processamento de Acervo

Luís Antônio Vitoriano dos Santos - Assistente de
Processamento de Acervo

Conservação de Acervo

Mércia Correia Freire - Assistente de Conservação

Monitoria

Ariana Santos
Paula Rodrigues
Bruna Barenco

Preservação Ambiental

Henrique Florêncio de Jesus Filho - Encarregado de Turma |
Manutenção

AS CARTAS DE FRAENKEL

Organização

Marcos de Brum Lopes

Bruna Barenco

Paula Rodrigues

Projeto Gráfico

Bruna Barenco

Fraenkel, Benjamin Constant de Magalhães. *As Cartas de Fraenkel*. Lopes, Marcos de Brum; Barenco, Bruna; Rodrigues, Paula (Orgs). Rio de Janeiro: Museu Casa de Benjamin Constant, Ibram/Minc, 2025.

ISBN: 978-65-02-33027-2

O MUSEU

Localizada no bairro de Santa Teresa (RJ), o museu se encontra na casa para qual Benjamin Constant mudou-se com sua família em 1890, vindo a falecer em 22 de janeiro de 1891, tendo sua família permanecido na residência até a morte de sua filha mais jovem, Aracy. A casa, construída no estilo neoclássico, com caramanchão e coreto em um parque de árvores frutíferas e ornamentais, por Antonio Moreira dos Santos Costa, seu proprietário, foi alugada por Benjamin Constant e a família, anteriormente residentes das dependências do Instituto de Meninos Cegos. O terreno possui uma segunda edificação, construída entre 1905 e 1920, onde Bernardina Constant Serejo, filha de Benjamin, residiu depois de casar-se. A Casa de Bernardina abriga, hoje, a sede administrativa do museu, com os setores técnicos, além do Arquivo Histórico e Biblioteca.



ÍNDICE

Prefácio	04
Sobre as cartas	08
Carta 1	11
Carta 2	14
Carta 3	29
Carta 4	62
Carta 5	68
Carta 6	71
Carta 7	75
Carta 8	78
Carta 9	79
Carta 10	80
Carta 11	82
Carta 12	84
Carta 13	85
Carta 14	90
Carta 15	94
Carta 16	95

Prefácio

Marcos de Brum Lopes

Os museus são espaços de afetos, descobertas e dúvidas. Por vezes encontramos neles algumas respostas, porém o mais comum é sairmos deles com perguntas. O trabalho de memória e de história instigam a imaginação. Mas há uma pergunta que talvez poucos façam, seja a si mesmos, seja aos próprios museus e às pessoas que neles trabalham: como se faz um museu? Qual é o tamanho do desafio para quem quer criar um museu?

Quando o Museu Casa de Benjamin Constant (MCBC) abriu ao público, em 18 de outubro de 1982, muito trabalho havia sido feito durante as nove décadas passadas desde a morte de Benjamin, em janeiro de 1891. Este intervalo de tempo foi rico em capítulos que envolveram a família do Fundador da República, o Governo Provisório da República, as casas erguidas na chácara que viria a se tornar histórica, os órgãos estatais responsáveis pelo patrimônio nacional, profissionais das ciências, restauradores, operários da construção civil e técnicos de diversas formações.

Com esta publicação, destacamos um indivíduo-chave no processo de criação do nosso museu: Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Nascido em 1891, no Rio de Janeiro, herdou o nome do ilustre avô, que morrera naquele mesmo ano. Foi o quarto filho de Aldina Botelho de Magalhães e Karl Fraenkel. Com nove meses foi morar em Berlim, onde seu pai atuaria como cônsul e depois em Estocolmo, para onde seria então transferido. Nas cartas endereçadas a Hercília Vianna, primeira museóloga do MCBC, Benjamin Fraenkel afirma se recordar das alegres cantigas alemãs do jardim de infância em Berlim, e da sua casa em Estocolmo, local onde

ouvira sempre com muito interesse a minha Mãe, falando em português, como sempre em casa se falou, relembrar, com carinho, a Família distante e os fatos passados, despertando em mim o desejo imenso de conhecer a minha terra. (8 de novembro de 1974).

Essas cartas eram respostas às indagações de Hercília Vianna sobre a chácara e a casa onde morou o Fundador da República. Precisava delas para recompor o ambiente e Fraenkel era o último descendente vivo que poderia se lembrar dos aspectos da casa na virada do século XX. Criar um museu, recriar os espaços habitados outrora por gente de costumes diferentes, coletar objetos e conferir-lhes historicidades envolve um verdadeiro esforço de memória. Benjamin Fraenkel parecia ser – e foi – um aliado fundamental.

A narrativa de Fraenkel é muito interessante, com toques de bom humor e uma dose de melancolia. Ele fez um extraordinário exercício de memória e, em alguma medida, tinha consciência de que aquelas eram, até então, memórias só suas. O que terá sentido quando pensou – se é que pensou – que suas palavras e seus desenhos poderiam se tornar públicos?

... tive a grande felicidade de passar alguns anos morando lá e conservar até hoje, de forma indelével, a grata lembrança desses benditos tempos. E com a melhor boa vontade, fiz rascunhos e esboços, mostrando como era a antiga casa... (23 de dezembro de 1978)

Chegou o momento em que as elaborações do passado de Benjamin Fraenkel brilham com suas próprias luzes. Não somente como um conjunto de evidências para um fim museológico, mas como elaborações existenciais de um indivíduo histórico que olha seu passado e faz reviver, em verbo e traço, suas alegrias e dores, as saudades e as experiências individuais e familiares que, hoje, tornam-se públicas e compartilháveis.



Maria Joaquina sentada ao centro, tendo ao colo Benjamin Serejo; à esquerda João de Albuquerque Serejo, Bernardina, Oziel Bordeaux do Rego e Edith Frankael; à direita José Beviláqua, Aracy, Aldina e Benjamin Frankael. F048, 24 de dezembro de 1898. Arquivo Histórico. MCBC, Ibram/MinC.



Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel à esquerda, e à direita Edith. D. Maria Joaquina sentada, à esquerda a filha Aracy. F049. 1898. Sem data. Arquivo Histórico. MCBC, Ibram/MinC.

Sobre as cartas

O Museu Casa de Benjamin Constant preserva os originais de quinze cartas enviadas por Benjamin Fraenkel, porém não possui as cartas enviadas a ele por Hercília Vianna, com exceção de uma, que incluímos nesta coletânea. Durante o período de troca de informações, que foi de 1974 a 1982, Fraenkel forneceu alguns depoimentos além do que registrou nas correspondências.

Para esta edição, optamos por manter a forma da escrita de Fraenkel, motivo pelo qual acham-se espalhadas pelos textos várias grafias incongruentes com o acordo ortográfico ora vigente. Quanto aos desenhos, encontram-se junto das cartas em que originalmente se apresentavam, quando essa informação pode ser recuperada.

Rio, 7 de Maio de 1979

1

Prezada Ottercilin.

Veja que eu não posso estar escrevendo. Plantei a noite depois de terminar a carta, fiquei remoendo todas aquelas lembranças e outras foram surgindo, de maneira que só, muito depois de 4 horas da manhã é que eu pude conciliar o sono, e já às 7 horas estava tomando café. Bem, já falei de mais em mim, alegre.

Numa daquelas reuniões depois do jantar, alguém falou em encalulacão, e logo naquela noite estava com vontade de falar, então nos contou um episódio que se passara com ela, algum tempo depois de casada. Ela foi com meu avô à cidade, e na volta, passando por uma rua em que morava um amigo dele, ele lhe propôs fazer uma rápida visitinha. Ela concordou, mas quando tocaram a campainha, ouviram barulho de talheres. Ela então, rapidamente disse a meu avô, que se os convidassem para jantar, ele dissesse que já tinham jantado. Ela não disse, mas quando o convite foi feito pelo amigo, que era íntimo dele, mas que ela ~~presentava~~ pela 1ª vez, ele respondeu: Para falar francamente, eu ainda não jantei, mas a Sinhá aqui, disse para eu respon-

Cópia de uma das cartas manuscritas de Benjamin Constant Fraenkel. 7 de maio de 1979. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Depoimentos prestados pelo Sr Benjamin
Constant de Magalhães Fraenkel

Sobre a Arquitetura da Casa:

Entrada

Portão verde escuro, c/ apliques de flores
Gradis na mesma cor

Sobre os portais - 2 cães São Bernardo

Obs. - Informação do Gal Carlos Fraenkel
e Alm Benjamin Serejo, em visita à casa
em 13/11/73 - os cães eram albos de tiro e
foram quebrados assim em linca deus.

Murados cor de rosa

Casa propriamente dita -

Pintura eseterna - azul claro (conforme
o Asilo entre Botafoço e Tunnel do Passado)
Janelas, portas, gradis - verde garrafa

Ambiente

paredes - forradas de papel, tons claros.
salão - fundo claro (creme); ser fotograf.
sala de jantar - verde claro

Dna. HERCÍLIA

Perguntou-me a Sra se o assoalho era encerado. O assoalho era lavado com água e sabão, e escova, razão porque os móveis pesados, como armários, aparador e guarda louças, que não podiam ser arredados, ficavam com os pés na cor da madeira, pois perdiam o verniz. O encarregado desse serviço era um português, muito claro, rosado, forte, de cabelo branco a “bresse carrée” e bigodinho a “Kaiser”, chamado Antonio, que falava muito explicadamente, e gostava de mostrar sua erudição, dizendo: Esta sala está interdita, A passagem está vedada, etc. Ele vivia com uma preta de feições finas chamada Eva, que lavava e passava a roupa da família quase toda, levando e trazendo grandes trouxas, muitas vezes ajudada pelo Seu Antonio. Eva tinha um filho – Antonico- de seu Antonio e outro, já homem, imensamente gordo por isso chamado de Zé Gordo. Este era pedreiro, e trabalhou muito nas obras do Tio Serejo. Acabou morrendo tuberculoso.

Todos os fornecedores ou mandavam saber quais as encomendas, ou levavam as mercadorias para serem escolhidas, e minha Avó atendia-os, da janela da sala de jantar, que dava para a escada, onde eles ficavam.

O peixeiro, com duas grandes cestas, penduradas nas extremidades de um varal forte, apoiado no pescoço, ia todos as sexta-feiras, e custava a andar com as cestas balançando.

O padeiro, trazia um grande cesto à cabeça, e, chegando às casas, depositava-o sobre um cavalete que sempre levava no braço. O pão, uma delícia feito de trigo puro, era fornecido em duas vezes. De manhã, a encomenda fixa, e ao meio dia ou a uma hora, o pão da tarde para escolher.

O caixeiro vinha saber o que se precisava e anotava em um caderninho, e mais tarde as trazia.

Aparecia, freqüentemente, para tentar as crianças, o doceiro com a caixa envidraçada à cabeça. Os pés longos da caixa faziam com que, quando a depositava no 2º chão, ficasse em boa altura para a exposição de seus doces. Uma gaita, como a do Ary Barroso, anunciava-o ao longe.

O vendedor de melado do Realengo, trazia-o em garrafas escuras sem rótulo, e tampadas com sabugo de milho. Era uma especialidade, cheirando um pouquinho à cachaça, e, em casa, era quase sempre despejado na compoteira de pé de madeira.

Um “dlindlin”, assim chamado pelo som que emitia batendo com uma vareta em um triângulo de ferro que levava pendurado, também aparecia. Um grande latão cilíndrico, com uma correia à tiracolo, apresentava na tampa uma espécie de roleta, com algarismos de 1 a 6 entremeados. Os algarismos 5 e 6, em número diminuto, ficavam entre alguns algarismos 1 e 2, porque a rodada do ponteiro custava cem reis, e onde ele parasse o algarismo indicava a quantidade de cartuchos, de uma casca muito fina, de gosto e espessura, e que quase se desmanchava na boca.

Uma figura, que quase anualmente aparecia a chamado de meu Tio Serejo, e vinha sempre em um tilburi, era a Madame Ocx, parteira quase oficial da família. Trazia sempre uma maleta com o ferramental, conhecida naquele tempo como maleta de parteiro, e onde a criança dizia, quando a via, que ali vinha o bebê.

Depois da morte da Tia Leopoldina, a minha Tia Aracy, passou para o quarto dela, por ser mais sossegado; era o primeiro da direita de quem ia da sala de visitas para a sala de jantar.

Após a instalação do Tio Serejo, na casa do porteiro ou melhor no chalé reformado, Mamãe quando vinha do sul, ficava instalada no antigo quarto dele. Quando meu pai ficou doente, e os meus irmãos Cláudio e Walter tiveram que vir da Alemanha, eles ficaram naqueles dois quartinhos juntos, e que davam para a área, no primeiro ao lado da sala, o Cláudio, e no segundo o Walter.

Depois da reforma da casa, a minha Avó, para quem tinham planejado o sobrado, nele, muito pouco tempo ficou, porque era muito cansativo para ela o subir das escadas. O antigo quarto dela estava então muito diminuído, e assim ela foi para o quarto que ficava ao lado da sala de jantar, e dava para o jardim. Ficou no sobrado, somente minha tia

Aracy.

Daí por diante baralham-se-me as lembranças com meu internamento no colégio e as mudanças que se faziam, razão porque, às vezes, parece haver contradição. Mas as 3 primeiras impressões estão ainda gravadas como no granito, e nada há de admirar por ser a massa de meu cérebro.

Grandes datas e acontecimentos passei nessa casa. A passagem do século. A revolta do quebra-lampião em 14.XI.1904, quando nasceu meu primo João Constant de Magalhães Serejo, e havia receio de não se poder encontrar Madame Ocx, já que ainda não existia telefone.

O incêndio conjunto da marcenaria Auler, da coqueira da Saúde Pública e da exposição de Álcool, tres construções contínuas e que iam da Rua dos Inválidos até a Rua do Lavradio, pois não existia a Av. Gomes Freire. O vigamento dos telhados, que eram de ferro, ficaram incandescentes e visíveis das janelas, ao longe, principalmente à noite.

A revolta de Lauro Sodré e Silvestre Travassos, à frente da Escola Militar, e que, subjugada, foi transferida para o Rio Grande do Sul.

O desmonte do Morro do Senado.

E creio D. Hercília, que aí param as minhas lembranças. Lembrando-me de alguma coisa mais, não terei dúvidas em comunicá-la. Aceite, pois, os meus respeitos.

Atenciosamente

BENJAMIN CONSTANT DE MAGALHÃES FRAENKEL

CARTA 2

Rio, 8 de Novembro de 1974

D. Hercília,

Ante o seu grande interesse em restaurar a casa em que o meu avô viveu os últimos anos de vida e (onde faleceu) morreu, e o devotamento que á mesma a Snra. Tem demonstrado(,) bem como ao pedido que me fez de relatar todas as minhas lembranças dos idos tempos de infância, que nessa casa passei, procurarei, sem pretensões narrar o que a memória ainda retém e o meu pequeno preparo permite dizer a bem da verdade.

Com nove meses de idade fui para Berlim, para onde meu pai havia sido nomeado Cônsul. De Berlim, lembro-me da casa em que moramos, do Jardim de Infância que freqüentei e dos passeios que fazíamos á floresta, acompanhados das professoras entoando os alegres cânticos escolares alemães.

Meu Pai sendo transferido para Estocolmo, ainda freqüentei aí (freqüentei) o Jardim de Infância e, lembro-me bastante do que lá passei. Mais crescido já, ouvia sempre com muito interesse a minha querida Mãe, falando em português, como sempre em casa se falou, relembrar (do)ndo, com carinho, a Família distante e os fatos passados, despertando em mim o desejo imenso de conhecer minha Terra.

Transferido o meu Pai para o Salto, ia a Família, de passagem, passar uns dias no Brasil. Já em Salvador, o aspecto da terra era tão diferente! Foi em Salvador que eu fui ver, pela primeira vez o abacaxi, a banana, a quantidade de pretos que eu nunca tinha visto.

A alegria era tanta, era tão grande, que compensava a tristeza de ter deixado meus dois irmãos mais velhos, Cláudio e Walter, na Alemanha fazendo o curso ginasial. Mas, faltavam ainda alguns dias para chegarmos ao Rio de Janeiro; para (e)constatarmos tudo o que a nossa boa Mãe dizia.

Chegamos, enfim, ao querido Rio. Ainda não havia o cais. O navio ficava ao longe e uma grande quantidade de barcos, com gente que vinha esperar os parentes e amigos, outros, com frutas para vender aos passantes, lanchas, todos fazendo um barulho tão 5 grande, um falatório todo em português, que eu não me lembrar quem é que foi ao nosso desembarque e como cheguei ao Plano Inclinado!

Lembro-me só que tudo para mim foi uma surpresa, uma grata surpresa! O Plano Inclinado, de tantas recordações, foi demolido! Parecia que havia sido feito especialmente para a casa de meu Avô.

Para se tomar o Plano Inclinado, entrava-se por um corredor de uns quinze metros de extensão que corria ao lado da ladeira do Castro, e dela separada por um gradil de ferro. No fim desse corredor havia uma escada de uns dez ou doze degraus. No alto dessa escada havia um patamar de madeira onde uma outra escada de madeira, de uns quatro degraus, dava acesso para um outro patamar, mais estreito, e onde encostava o bondinho do Plano.

O bondinho devia ter uns sete ou oito bancos, com portinholas que eram fechadas, para garantia dos passageiros...

Quem abria e fechava as portinholas era o encarregado de cobrar as passagens que fazia também as manobras, travando e destravando os freios. A linha era uma só até o ponto em que se bifurcava para dar passagem ao outro bondinho, que descia. Um subia, outro descia, em sentido contrario, amarrados por um cabo de aço que era guiado por uma grande roldana horizontal, no alto do morro, e por diversas roldanas verticais situadas entre os dormentes.

O trajeto durava cinco minutos e o horário era de meia em meia hora. O bondinho, em seu percurso, atravessava dois viadutos, um logo ao sair da estação de baixo e ficava sobre a Ladeira do Castro, o outro, era uma ponte suspensa, de ferro, uma obra interessante, aliás, da qual existem algumas fotografias.

Logo ao chegar á segunda ponte descortinava-se a acolhedora e simpática casa de meu Avô e a grande chácara.

Ainda hoje, passados mais de setenta anos, conser- nitidamente a vista do conjunto, tanto antes das obras executadas, como depois delas, dos dois prédios que lá existiam.

E, não é de admirar, que essa vista se gravasse, em que via a sua terra pela primeira vez, tão linda e tão diferente das outras em que vivera e onde se falava, para qualquer lado que se virasse a língua sonora e familiar, que só ouvira em sua casa.

Na estação de cima, o maquinista que movimentava as máquinas, fazia-o quando o condutor do bonde mostrava, lá de baixo, um grande disco, que era branco de um lado e vermelho do outro, para avisar à estação terminal se tudo estava pronto ou não. À noite, uma luz se agitava no lugar do desvio.

Quando bondinho chegava ao ponto terminal o condutor abria porta por porta e os passageiros, quasi todos, saiam para tomar o outro bonde, elétrico cujo destino final era Paula Matos.

Os passageiros que não tomavam o elétrico, quase todos se dirigiam para a casa do meu Avô, ou para a rua do Triunfo e passavam por uma pequena ponte, transversal à linha do Plano Inclinado.

Depois da ponte havia um portão de ferro, em cujas pilastras a minha Avó mandara colocar as letras B e C. Do portão, uma escadinha dava para uma rampa que passava pela casa que depois foi reformada pelo meu tio, o Marechal Serejo.

Ao meio da rampa havia um desvio que servia de entrada para essa casa, colocada parte sobre o morro e cuja parte de baixo parecia ter sido uma cocheira com suas largas portas, o que justifica também a larga rua de paralelepípedos, desde a varanda da frente até o largo portão da Rua Monte Alegre.

Parece-me, assim, que essa casa era a residência do cocheiro, do antigo dono, e que também vigiava a entrada. Do outro lado da rampa, (uma escadinha de uns três degraus levava a) um jardim, abaixo do nível da casa (para ele, se descia por uma escada de uns 3 degraus). Ela, cercado, e que dava para o leito do Plano Inclinado.

A entrada da casa, do meu Avô, era por uma varanda, para a qual duas portas se abriam. Uma dava para o gabinete, a outra, para a saleta.

O gabinete tinha uma outra porta dando para uma área interna, (e) uma janelinha gradeada que dava para um corredor e duas portas para a saleta de entrada.

A saleta de entrada tinha(..) uma porta para a área e outra para a sala de visitas.

As portas externas, que davam para a varanda, foram as únicas que sofreram modificações, pois as antigas tinham uma parte de vidro fosco, outra de venezianas de vidro, também fosco, e uma almofado de madeira.

Ao lado da varanda, um corredor, com portão de ferro, separava o Gabinete do quarto do jardineiro, cuja porta ao nível da rua era de madeira., com soleira de madeira, e era coberto por uma meia água, do morro para o corredor.

O quarto do jardineiro tinha também uma janelinha gradeada dando para o corredor e (era) junto ao quarto das empregadas mas, sem comunicação e (que) também possuía uma janelinha gradeada dando para o corredor e uma porta para a área interna.

A sala de visitas não sofreu alterações a não ser na iluminação que era a gás, como, aliás em toda a casa e as paredes que eram forradas de papel.

Um corredor ligava a sala de visitas à sala de jantar, tendo de um lado três quartos com sacadas para o jardim. O do meio, era o maior e era o principal e tinha na grade de sacada as iniciais do antigo dono : A. M. S. C. -Antonio Monteiro Santos Costa. Os

quartos tinham comunicação entre si e portas para o corredor.

Do outro lado do corredor havia (1º) dois quartos pequenos ligados por uma porta e tendo cada um, uma janela gradeada dando para a área interna. Depois desses dois quartos havia um corredor, um pouco mais largo do que o portão de ferro, em que finalizava, e que era perpendicular e fronteiro á porta do quarto principal.

Depois desse corredor vinham dois quartos, um pouco maiores do que os dois primeiros, com comunicação entre eles,(e) porta(s) para o corredor e janela(s) gradeada(s) para o pátio.

Esses dois quartos eu já encontrei formando um só, pois meu tio, Marechal Serejo, mandou demolir a parede que os separava, por ocasião de seu casamento. Nesse quarto nasceu o seu(s) filho(s) mais velho(s), hoje o Almirante reformado Benjamin Constant de Magalhães Serejo. (e Rubens)

A sala de jantar não sofreu alterações mas a copa possuía uma janela gradeada dando para o galinheiro, e uma porta de acesso ao pátio interno.

Da copa um corredor conduzia á cozinha, que ocupava, como a copa, a largura da casa, e (s)ó tinha duas portas, uma para a área e outra para o galinheiro.

A parede onde estava o fogão era a encosta do morro, e encostada ao morro, ao lado da cozinha(do lado do galinheiro) ficava a privada dos empregados, que não sei por que, foi demolida.

No centro do galinheiro havia um pequeno lago circular, para os patos com um repuxo.

Do lado esquerdo de quem ia da sala para a cozinha havia um quarto, com janela gradeada e uma pequena despensa, ambos com porta para o corredor.

Do lado direito era o banheiro, tendo na parede encostada á cozinha, a banheira de mármore, e na parede fronteira,

encostada á copa, a privada social. O assoalho do banheiro era de madeira, de taboas largas.

A iluminação, como já disse, era toda a gás, tendo todos os quartos e compartimentos arandelas nas paredes e, só na sala de visitas e de jantar, lustres no centro do teto.

À direita da porta da cozinha, (do lado da área) encostada á parede da mesma, subia em espiral, costeando também o morro e a piscina, uma escada de madeira, que dava acesso a um patamar, onde se abria a porta do sobradinho.

Esse patamar, com uns dois metros e meio de comprimento e oitenta centímetros de largura, tinha um gradil de madeira torneada(,) como a escada toda(,) e uma janelinha para a área.

O sobradinho, dividido em dois quartos, ligados por uma porta tinham, cada um, uma janela gradeada, como as janelas dos quartos, e uma dava para a área e a outra para o lado do morro, que limitava o galinheiro.

Ambos os quartos tinham portas para um corredor encostado ao morro, para evitar a humidade, e onde passava a chaminé do fogão..

Nesses quartos morou meu tio, Marechal José Bevilaqua, e aí nasceu a sua primogênita Aracy Constant Bevilaqua.

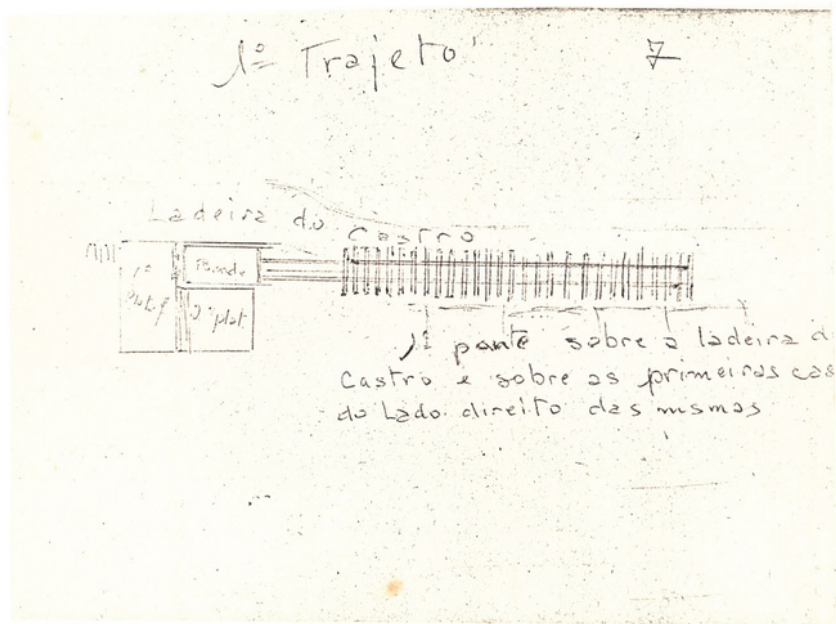
Meu tio Benjamin, que era brincalhão e gostava muito de crianças dizia que Aracy era morena porque tinha nascido por cima do fogão. E, foi nesse mesmo sobradinho que ele veio a falecer.

O corredor do sobradinho tinha uma entrada independente da casa e dando para um caminho no morro, acompanhando ao alto a curva do galinheiro, acabando na escada, fronteira á entrada da sala de jantar.

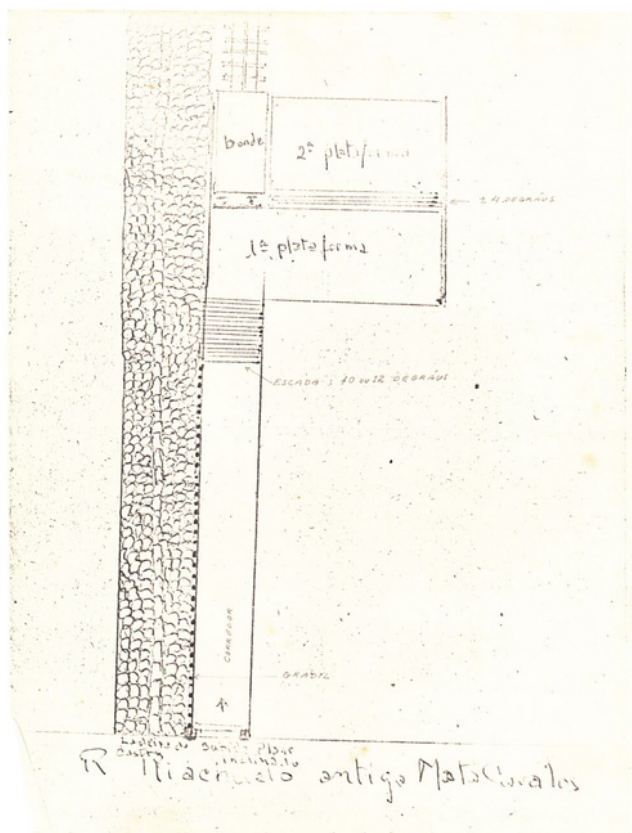
O caminho para o sobradinho era todo plantado com pés de fruta do conde



Esboço do bonde que chegava à chácara pelo Plano Inclinado de Santa Teresa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

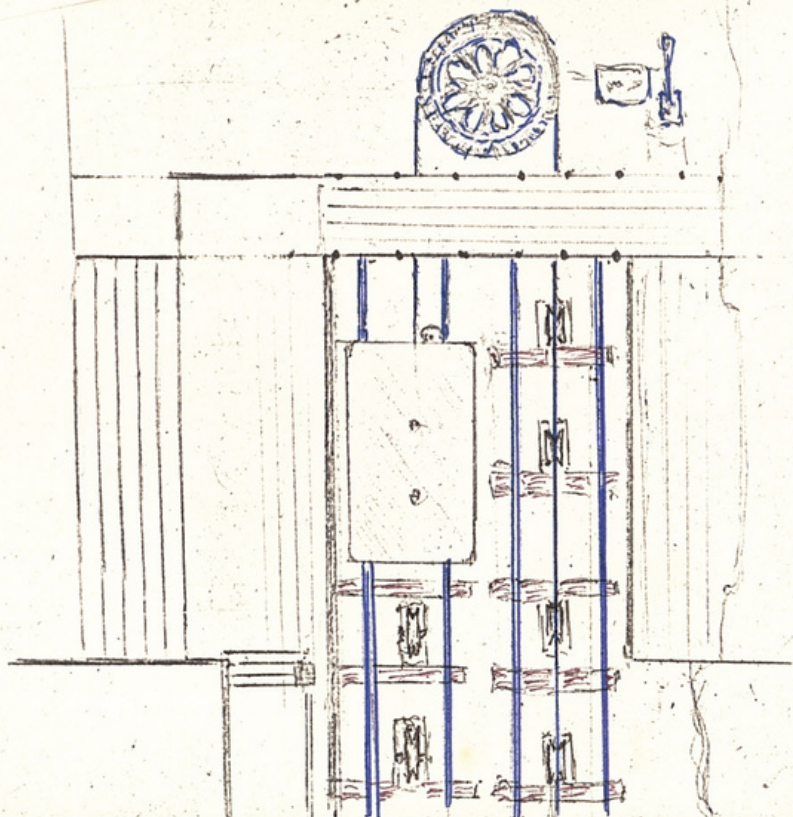


Esboço do trajeto do Plano Inclinado de Santa Teresa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

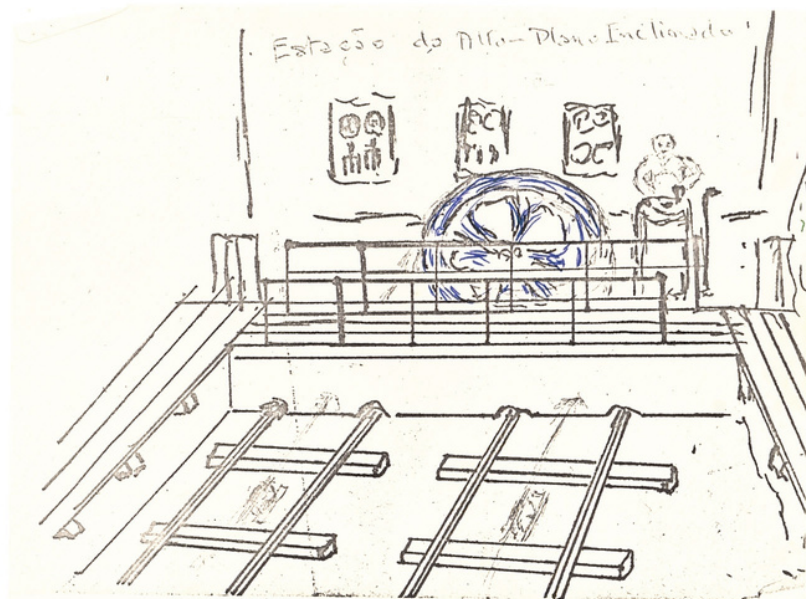


Esboço do trajeto do Plano Inclinado de Santa Teresa e suas plataformas de desembarque. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

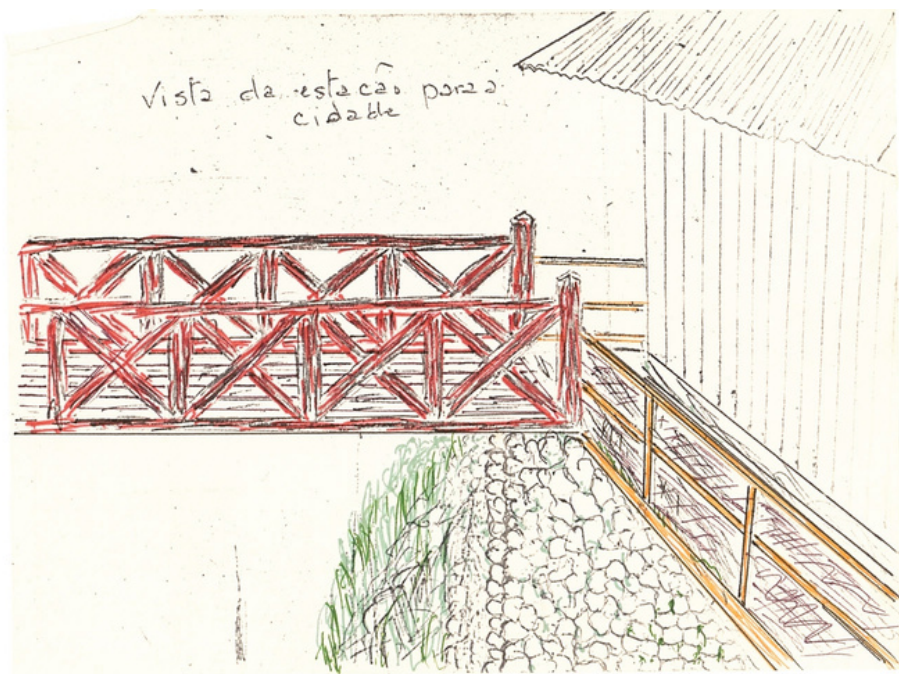
Esboço do maquinário à vapor que puxava os bondes do Plano Inclinado de Santa Teresa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

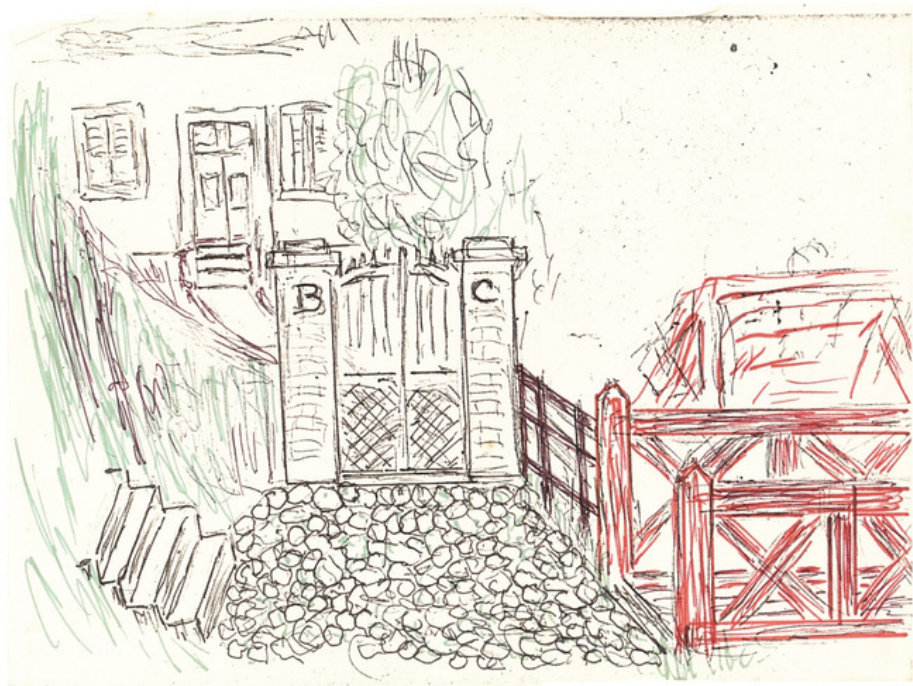


Esboço do maquinário à vapor que puxava os bondes do Plano Inclinado de Santa Teresa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço da ponte da estação do Plano Inclinado de Santa Teresa.
Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970.
Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

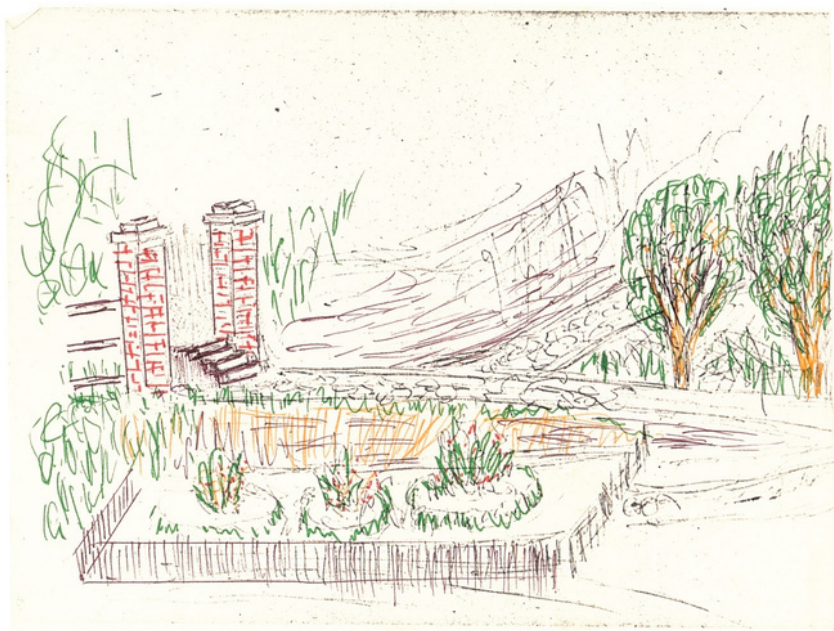




Esboço da ponte que ligava a estação do Plano Inclinado de Santa Teresa à casa de Benjamin Constant. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço da ponte que ligava a estação do Plano Inclinado de Santa Teresa à casa de Benjamin Constant. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço dos jardins e cultivos da chácara de Benjamin Constant. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

CARTA 3

Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1975

D. Hercília

Diante do seu grande interesse em restaurar a casa que foi de meu Avô; do devotamento que à mesma a Senhora tem demonstrado; e, do pedido que me fez de relatar minhas lembranças dos idos tempos de infância, que nessa casa passei, procurarei, sem pretensões, narrar o que minha memória ainda retém e o meu pequeno preparo permite dizer, a bem da verdade.

Com 9 meses, apenas, fui para Berlim, para onde meu Pai tinha sido nomeado Cônsul. De Berlim, lembro-me da casa em que moramos, do jardim de infância que freqüentei, e dos passeios que fazíamos à floresta, acompanhados das professoras, entoando cânticos escolares alemães.

Sendo meu Pai transferido para Estocolmo, aí, ainda, freqüentei o jardim de infância, e, lembro-me bastante, do que lá passei. Já mais crescido, ouvia minha querida Mãe falar em português, como sempre em casa se falou, relembando, com carinho, a família distante, e os fatos passados, despertando em mim o desejo imenso de conhecer minha terra.

Novamente transferido meu Pai para o Salto, iria a família, de passagem, passar uns dias no Brasil. Já em Salvador, o aspecto da terra era tão diferente! Foi lá, que eu fui ver, pela primeira vez, o abacaxi, a banana, uma quantidade de pretos, que eu nunca tinha visto. A alegria era tanta, era tão grande, que compensava a tristeza de ter deixado meus dois irmãos mais velhos – Cláudio e Walter – fazendo o curso ginasial lá na Alemanha. Mas faltavam, ainda, alguns dias para chegarmos ao Rio de Janeiro; para constatarmos tudo o que a nossa boa Mãe nos dizia

Chegamos, enfim, ao querido Rio. Ainda não havia o cais. O navio ancorava ao longe, e, uma grande quantidade de barcos, com gente que vinha esperar os parentes e amigos, outros com frutas, para vender aos passantes, lanchas, todos fazendo um barulho tão grande, um falatório tal em português, que eu não me lembrar quem foi ao nosso desembarque, e como cheguei ao Plano Inclinado. Lembro-me só que tudo para mim foi uma surpresa! O Plano Inclinado, de tantas recordações, foi demolido. Parecia que tinha sido feito especialmente para a casa de meu Avô. Para se tomar o Plano Inclinado entrava-se por um corredor de uns 15 metros de extensão, ao lado da Ladeira do Castro, e separada dela por um gradil, e, ao fim do qual, havia uma escada de uns 10 ou 12 degraus. Ao alto dessa escada havia um patamar de madeira, onde se achava uma outra escada com uns 04 degraus, também de madeira, dando para um patamar mais estreito ao qual encostava o bondinho do Plano.

O bondinho devia ter uns sete ou oito bancos, com portinholas que eram fechadas para seguranças dos passageiros. Quem abria e fechava as portinholas era o encarregado de receber as passagens, e quem fazia também as manobras, travando e destravando os freios. A linha era uma só até um certo ponto, onde se bifurcava para dar passagem ao outro bondinho, em sentido contrário, um subindo, outro descendo, amarrados por um cabo de aço, que passava por uma grande roldano horizontal, no alto do morro, e por diversas pequenas roldanas verticais, entre os dormentes, destinados a conservar a direção do cabo.

O trajeto durava 5 minutos e o horário era de meia em meia hora. O bondinho atravessava dois viadutos, um logo ao sair da estação de baixo, e ficava sobre a Ladeira do Castro, e o outro, era uma ponte suspensa, de ferro, aliás obra interessante, da qual há algumas fotografias. Logo ao se chegar à segunda ponte, descortinava-se a acolhedora e simpática casa de meu Avô e a grande chácara. Ainda hoje, passados mais de 70 anos, conservo nitidamente a vista do conjunto, tanto, antes das obras executadas, como depois delas, dos dois prédios que lá existiam. E, não é de se admirar, que essa vista se gravasse, em que via sua terra pela primeira vez, tão linda e tão diferente das outras em que vivera, e onde se falava, para qualquer lado que se virasse, a

língua sonora e familiar que só ouvira em sua casa.

Na estação de cima, o maquinista, que movimentava as máquinas, fazia-o, quando o condutor do bonde mostrava, lá de baixo, um grande disco, branco de um lado e vermelho 11 do outro, conforme tudo estivesse pronto ou não, ao mesmo tempo uma bandeira branca (de noite, uma luz) se agitava no lugar do desvio.

Quando bondinho chegava em cima, o condutor abria porta por porta e os passageiros, quase todos, saíam para tomar o elétrico, sem sua maioria eram os que se dirigiam para a casa do meu Avô, passando por uma pequena ponte, transversal à linha do bonde, ou então os moradores da Rua do Triunfo.

Depois da ponte havia um portão de ferro, em cujas pilastras minha Avó mandara colocar as letras B e C. Do portão, uma escadinha levava para uma rampa, que passava pela casa, depois reformada pelo meu tio Marechal Serejo. Ao meio da rampa, mais ou menos, havia um desvio que servia de entrada para essa casa, colocada parte sobre o morro, e cuja parte de baixo parecia ter sido uma cocheira, com suas largas portas, o que talvez justifique, também, a larga rua de paralelepípedos, desde a varanda da frente até o largo portão da Rua Monte Alegre. Parece-me, assim, que essa casa era a residência do cocheiro do antigo dono, o que também vigiava a entrada. Do outro lado da rampa, uma escadinha de uns três degraus conduzia a um jardim, abaixo do nível da casa, cercado, e que dava para a linha do Plano Inclinado.

A entrada da casa do meu Avô era através de uma varanda, para a qual duas portas se abriam. Uma do gabinete, que tinha uma janelinha gradeada para um corredor, uma ponte para a área e duas para a saleta. A outra porta era da saleta, que também tinha uma porta para a área e outra para a sala de visitas. As portas exteriores, que davam para a varanda, foram as únicas que sofreram modificações, pois as antigas tinham uma parte de vidro fosco, outra de venezianas de vidro também fosco, e uma almofado de madeira.

Ao lado da varanda, um corredor com portão de ferro, separava

o Gabinete do quarto do jardineiro, cuja porta ao nível da rua era de madeira, com soleira de madeira, e era recoberto por uma meia água do morro para o corredor. Esse quarto tinha uma janelinha gradeada para o corredor e era pegado ao quarto das empregadas, mas sem comunicação, quarto esse que também tinha uma janelinha gradeada para o corredor e uma porta para a área.

A sala de visitas não sofreu alteração. A iluminação era a gás, como em toda a casa, e as paredes todas forradas de papel.

Um corredor ligava a sala de visitas à sala de jantar, tendo de um lado três quartos com sacadas para o jardim. O do meio, era o maior, o principal, e na grade de sacada as iniciais do antigo dono - A. M. S. C. (Antonio Martins Santos Costa). Os quartos tinham comunicações entre si, e portas para o corredor. De outro lado do corredor havia dois quartos pequenos ligados por uma porta e tendo cada, uma janela gradeada para a área, e uma porta para o corredor. Depois desses dois quartos, um corredor de largura pouco maior do que o portão de ferro, em que finalizava, era perpendicular e fronteiro à porta do quarto principal. Depois deste corredor vinham dois quartos, um pouco maiores do que os dois primeiros, também cada um com janela gradeada para a área, e comunicando-se entre si, além da porta aberta para o corredor. Mas esses quartos já os encontrei formando um só, pois meu tio Serejo, mandou demolir a parede que os separava, para morar por ocasião de seu casamento, e foi onde nasceu o seu filho mais velho, hoje o Almirante Benjamin Constant de Magalhães Serejo.

A sala de jantar não sofreu alteração, mas a copa possuía uma janela gradeada virava para o galinheiro, e uma porta para a área. Da copa, um corredor conduzia à cozinha, que ocupava, como a copa, a largura da casa, e só tinha duas portas: uma para a área e outra para o galinheiro. A parede onde estava o fogão era a encosta do morro, que, não sei por que, foi demolido. No galinheiro, no centro, havia um pequeno lago circular para os patos, com um repuxo.

Do lado esquerdo, de quem ia da sala para a cozinha, havia um quarto com janela gradeada, e uma pequena despensa, ambos

com porta para o corredor. Do lado direito, havia o banheiro, tendo na parede, encostada à cozinha, a banheira de mármore, e na parede fronteiro, encostada à copa, a privada social. O assoalho do banheiro era de madeira, de tábuas largas.

A iluminação , como disse, era toda a gás, tendo, todos os quartos e compartimentos, arandelas nas paredes, e, somente na sala de visitas e de jantar, lustres no centro do teto.

À direita da porta da cozinha, encostado à parede, subia, em espiral, costeando também o morro, e a piscina, uma escada de madeira, que dava em um patamar, para onde se abria a porta do sobradinho. Esse patamar, com uns dois metros e meio de comprimento 13 por oitenta centímetros de largura, tinha um gradil de madeira torneada, como a escada toda, e uma janelinha para a área.

O sobradinho era constituído de dois quartos, ligados por uma porta, cada um com uma janelinha gradeada, como as janelas dos quartos, uma dando para a área e a outra para o lado do morro, que limitava o galinheiro. Ambos os quartos tinham portas para um corredor, encostado ao morro, para evitar a unidade, e pra onde passava a chaminé do fogão da cozinha.

Nesses quartos morou meu Tio Marechal José Bevilaqua, e aí nasceu a sua primogênita Aracy Constant Bevilaqua. Meu Tio Benjamin (Benjamin Constant Filho), que era muito brincalhão e muito gostava de crianças, dizia que Aracy era morena porque tinha nascido por cima do fogão. E foi nesse mesmo sobradinho que ele faleceu.

O corredor do sobradinho tinha uma entrada independente da casa, e dando para um caminho no morro, que acompanhava no alto a curva do galinheiro, acabando na escada, fronteira à entrada da sala de jantar.

O caminho para o sobradinho era todo plantado com pés de fruta do conde e pés de quando.

A piscina, de frente à porta da cozinha que dava para área, tinha uma porta por baixo da escada do sobradinho, e subia-se uma

escadinha de uns quatro degraus. Era a piscina cercada por uma parede larga, cuja parte lateral do morro ainda se conserva. O fundo era de ladrilhos de cerâmica vermelha, portuguesa, como os de cozinha, e tão vulgares naqueles tempos em todas as cozinhas. Era também cercada de venezianas pintadas de verde, e havia um espaço de uns 50 centímetros entre elas e o telhado de telhas canal. Existia também uma ducha de chicote.

Em seguimento à piscina, dois tanques amplos, com uma lage em declive e preparada para a esfrega da roupa, e fronteiros ao quarto de empregadas.

Ao centro da área havia um canteiro elevado, aproximadamente de uns... 1,50 m por 4,50 m, cercado por um muro de 50 cm de alto por 30 cm de largo. Entre o muro e o canteiro, uma cerca de ripas terminadas em ponta, com altura de 80 cm, era pintada do mesmo verde das venezianas da piscina. Um tamarineiro, dentro do cercado, dava alguma sombra e poucos tamarinos. Jasmins do céu, um pé de babosa e algum mato, acompanhavam o tamarineiro. O pé de babosa me chamava a atenção porque era usado por 14 algumas empregadas para o cabelo, e para mim todas as plantas e os seus usos eram grande novidade.

Tendo descrito a casa conforme uma planta que rascunhei, passarei breve a descrever com maiores detalhes o interior.

O que narrei não são sonhos quixotescos ou frutos de imaginação, e tenho, para confirmar o que eu disse, as fotografias arquivadas, e mais alguns argumentos concretos, como sejam os restos da piscina, que do lado do morro ainda estão perfeitos e o termino dela no contorno, e, tenho quase certeza, que, se for feita uma escavação no lugar, encontrar-se-á senão o piso de ladrilho todo perfeito, o que acho mais provável, ao menos o cascalho a que ele tenha sido reduzido, o que não creio. O rodapé da cozinha ainda se conserva, ao pé do morro, mostrando que ele ali terminava. O caminho do sobradinho está visivelmente cortado; onde era o galinheiro ainda permaneceu os degraus circulares do portãozinho e o gradil, metade ainda se conserva, mas somente na frente da casa, onde era o quarto do chacareiro.

Com mais vagar, portanto, continuarei a fazer o que me pediu.

Apresento-lhe, pois, os meus respeitos, e me manifestarei o mais breve que me for possível.

Atenciosamente

Benjamin Constant Magalhães Fraenkel

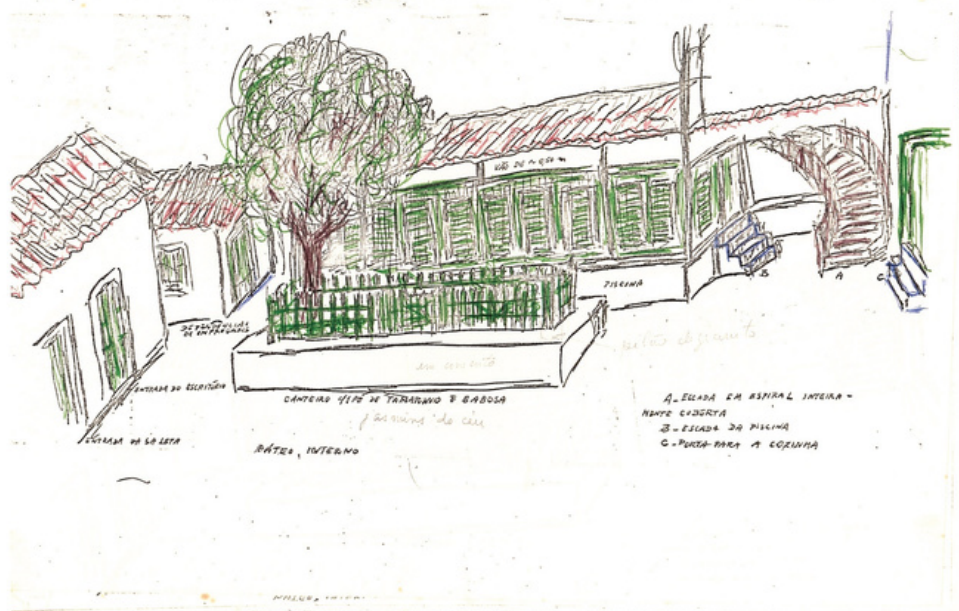


DESENHADO NA PLANTA ORIGINAL DO
PROJETO DA CASA DE BENJAMIN CONSTANT DE MAGALHÃES FRAENKEL
C. 1970

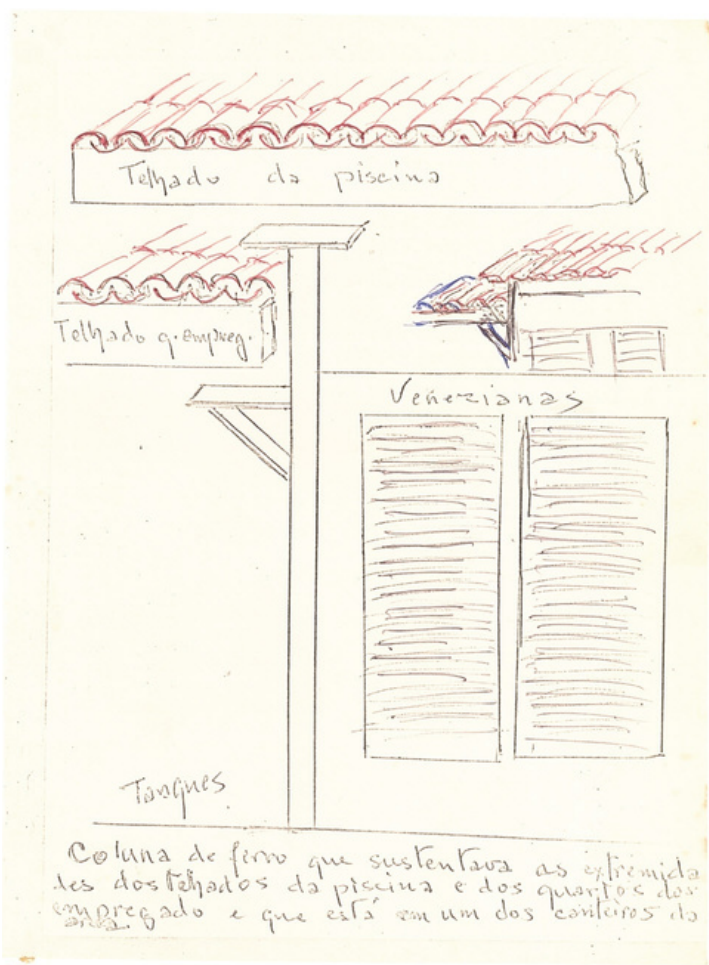
Esboço da edificação que existia à entrada do pátio interno da casa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



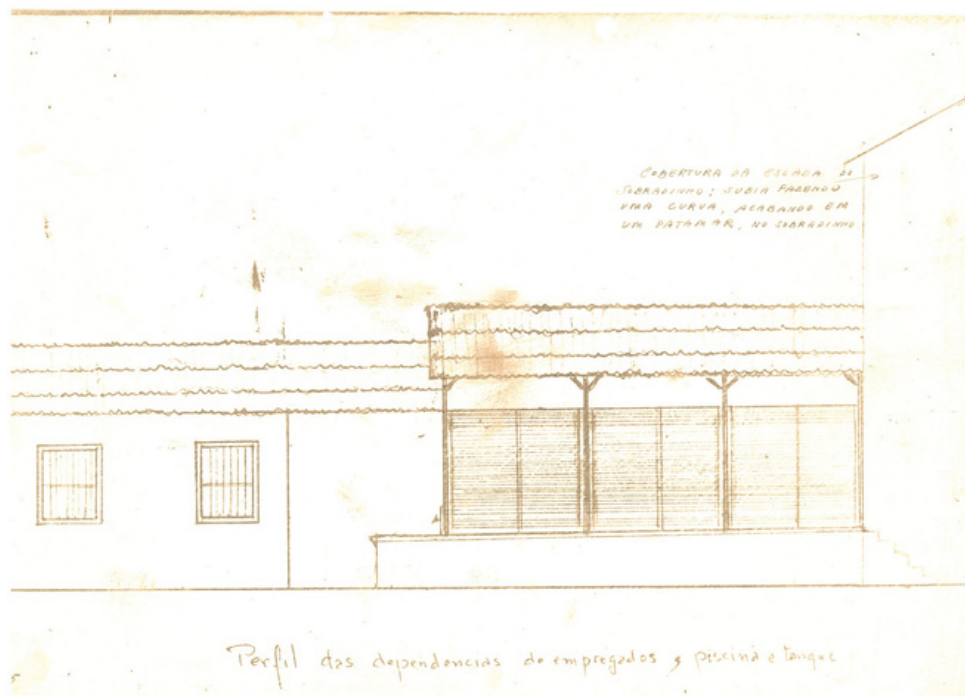
Esboço frontal da edificação que existia à entrada do pátio interno da casa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



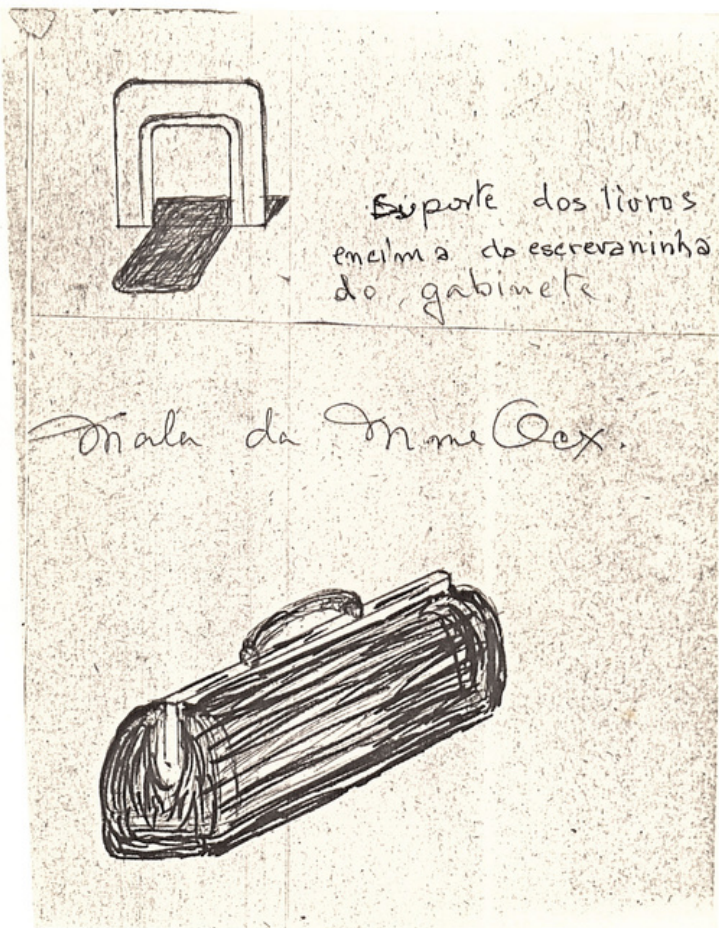
Esboço da piscina, com cobertura e venezianas, que existia no pátio interno da casa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço que detalha a estrutura da piscina, com cobertura e venezianas, que existia no pátio interno da casa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço da piscina e dependências de empregados, no pátio interno da casa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Suporte dos livros
encima do escrevaninha
do gabinete

Trala da Mme Cox.

Esboços de objetos da família. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

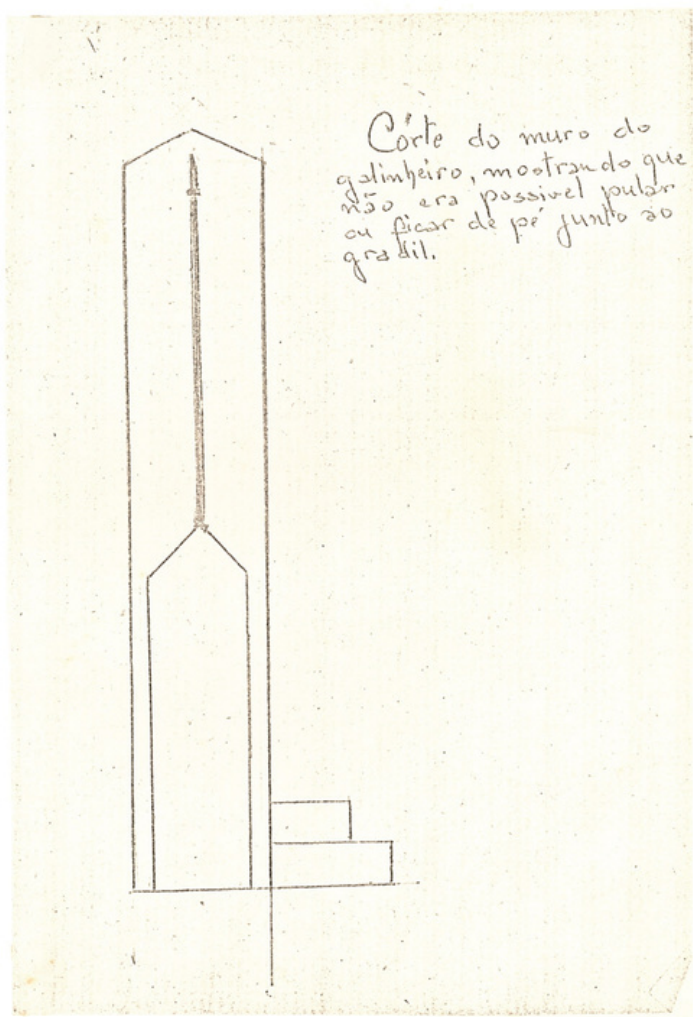


SOBRADO: ESCADA DEC. NA PUNTA DA PROPRIEDADE A RUA
 MONTE ALCANTARA 28
 FOTOGRAFIA 02

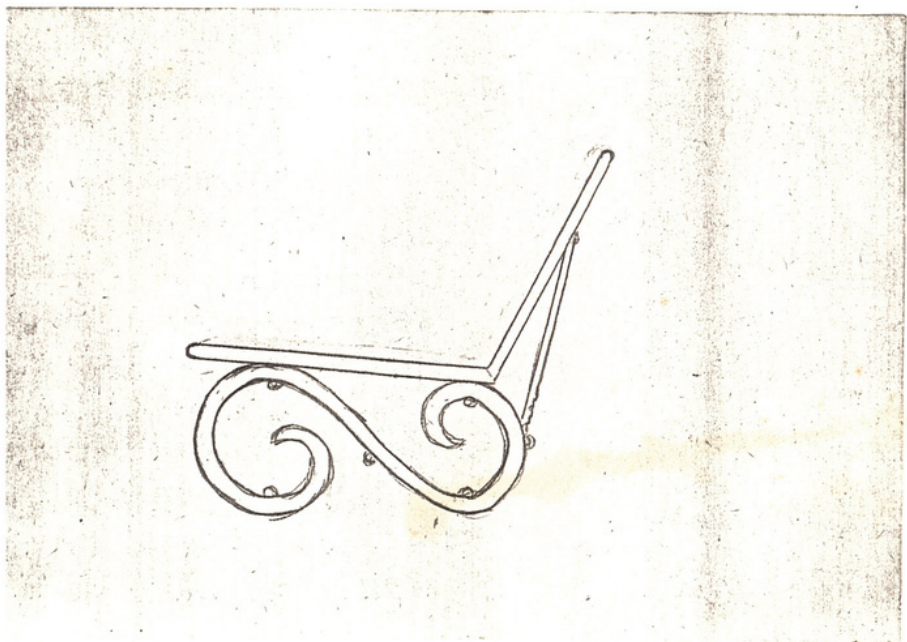
Esboço do sobrado que existia sobre a cozinha da casa. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



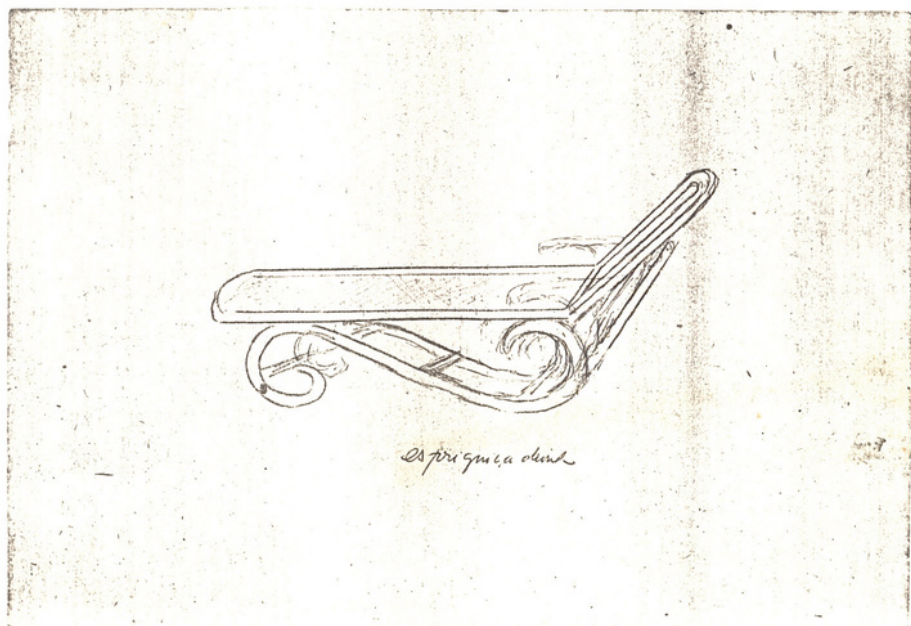
Esboço da flora cultivada nos jardins. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



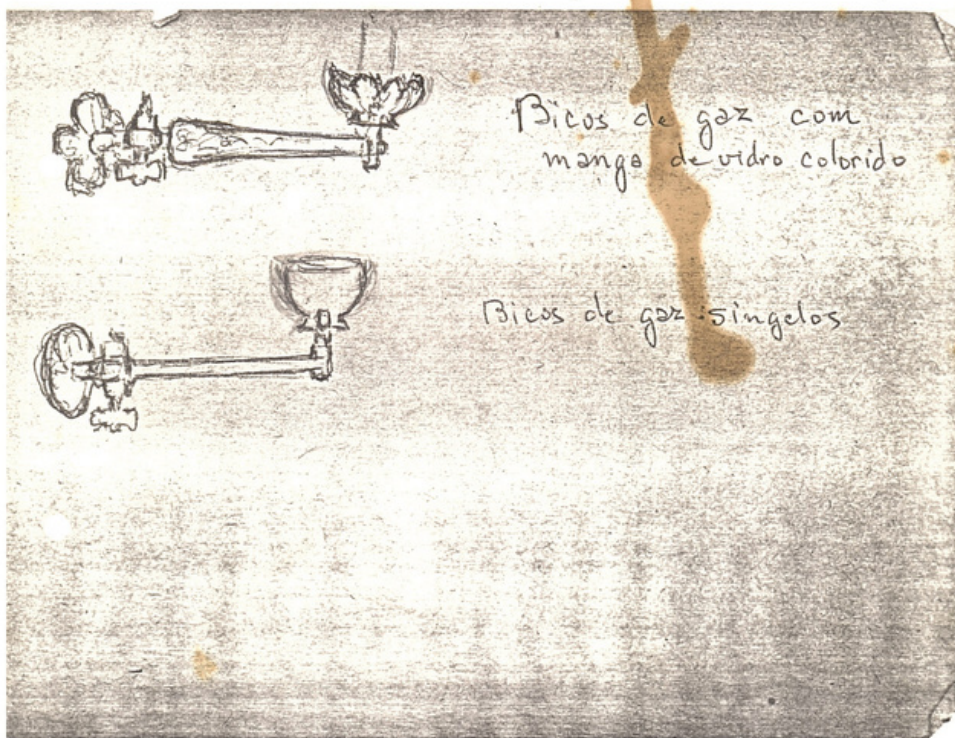
Esboço do muro do galinheiro. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço da espreguiçadeira. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



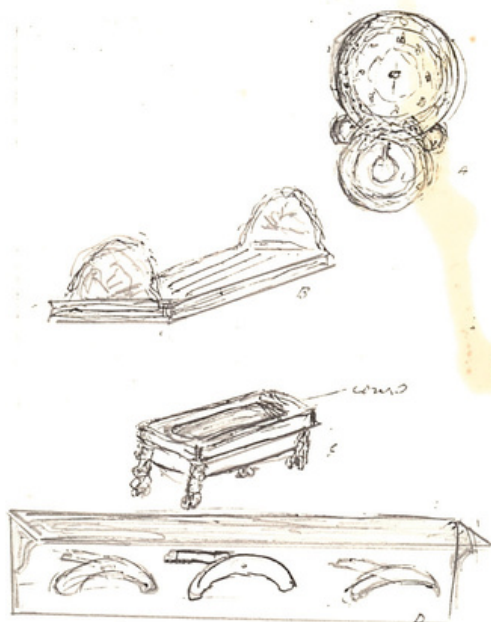
Esboço da espreguiçadeira. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Bicos de gás com
manga de vidro colorido

Bicos de gás singelos

Esboço das arandelas da casa, com detalhes dos bicos de gás.
Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970.
Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



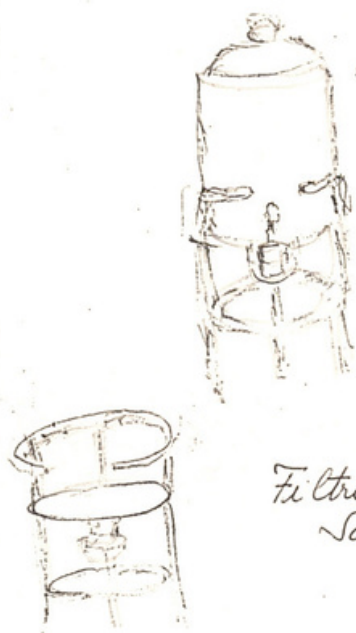
- A - RELÓGIO
- B - LIMPA-PÉS
- C - BANQUINHO
- D - CABIDE

Esboço de objetos da casa. Relógio; limpa-pés; banquinho; cabides. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



GUARDA-ALMOÇO

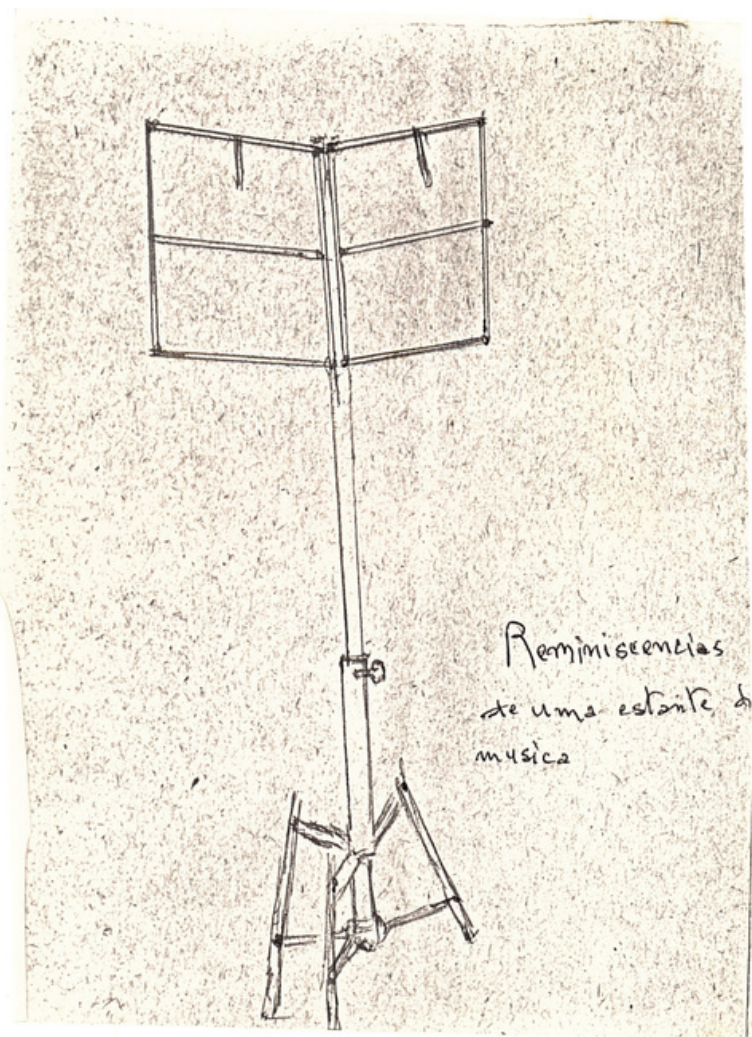
Esboço do guarda-comida. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Filtro do
Sala de jantar

Desenho de Benjamin Fraenkel

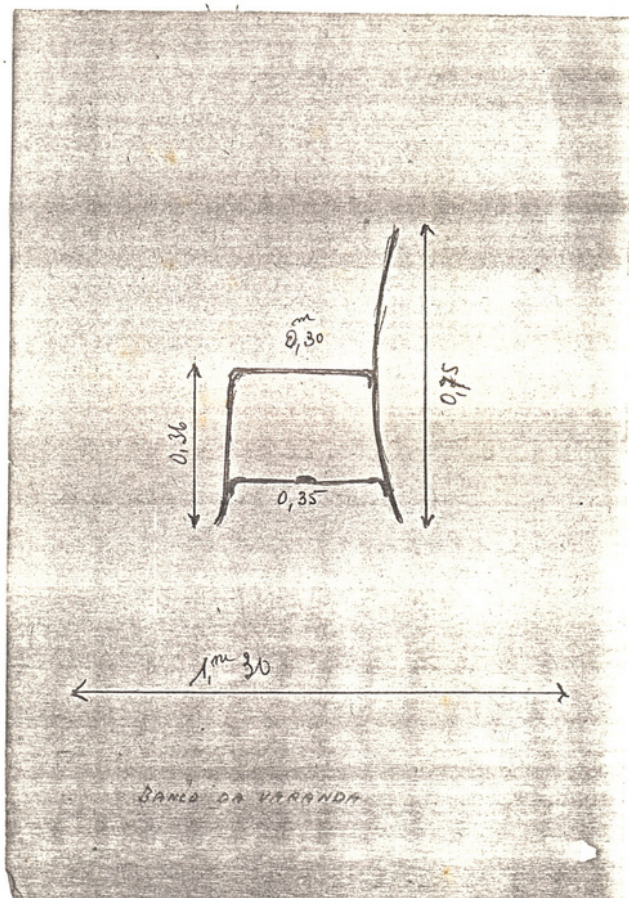
Esboço do filtro que existia na sala de jantar. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço de estante de partituras musicais. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço de estante de partituras musicais. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



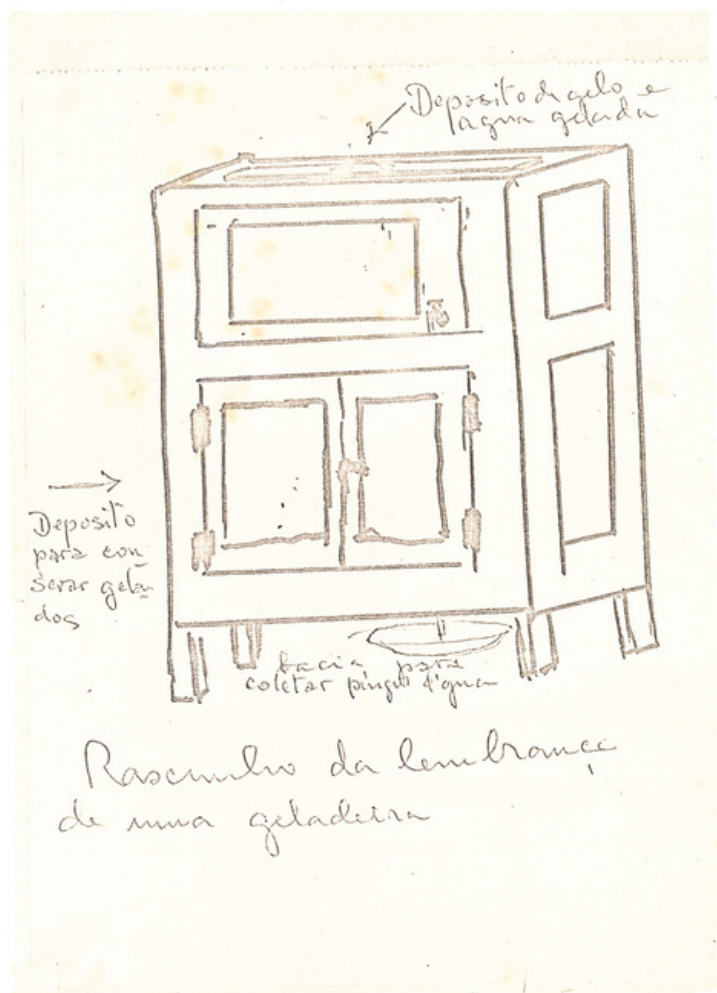
Esboço do banco da varanda. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

AÇUCAREIRO:
DO TUDO DE CAFÉ DIÁRIO
EM FERRO-ESMALTADO
VERMELHO ESCURO, COM
FRISOS SALIENTES PRETOS
O AÇUCAR USUAL E O
O MASCADO.

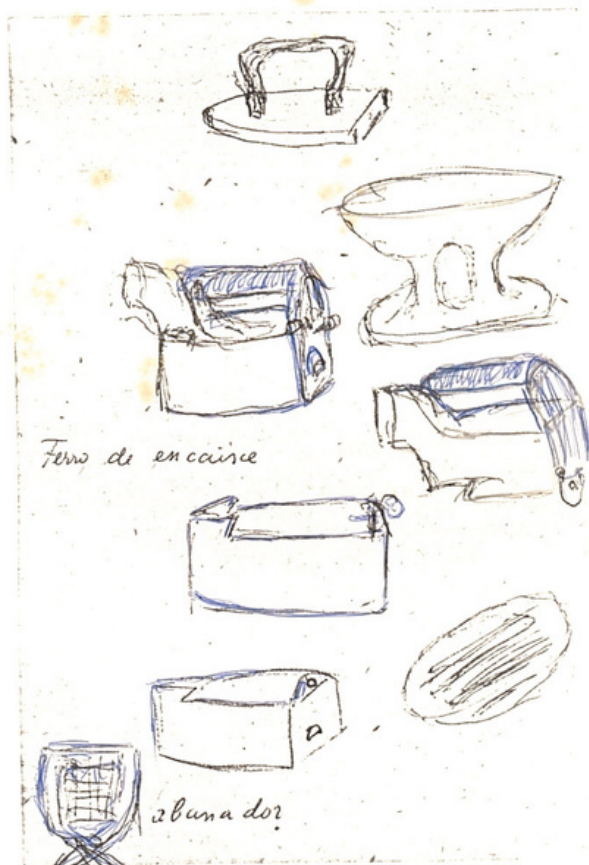


Desenho de Ben C.

Esboço do açucareiro. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço da geladeira com compartimento para gelo. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



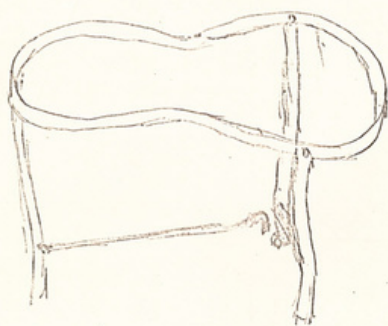
Esboço de ferros de passar roupa à carvão. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Rascunho para dar ligeira idéia, de
como eram os lavatórios do Porro

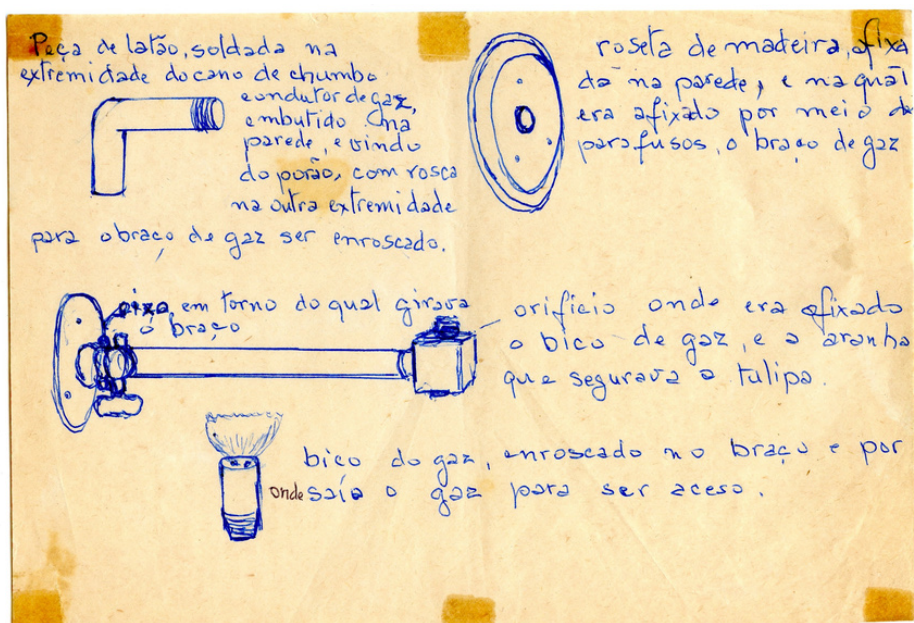
Esboço de equipamentos de asseio pessoal. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

Rascunho do bidê

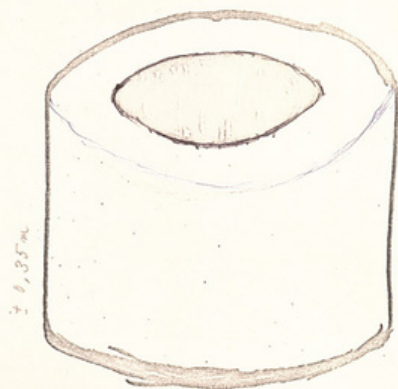


bacia esmaltada

Esboço do bidê. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel.
Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Esboço do sistema de arandelas que funcionavam à gás. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.



Pilão de granito

Localização: sobre a guarnição de cimento do centro
de pedimento,
"nós coríamos, sobre a cascata de cascalho e pulávamos
sobre o pilão" - lembranças de B. C. de Magalhães
F. C. Viana 1976

Esboço do pilão de granito. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

Primórdio do Tobogã.



Folha das palmeiras, e como eram preparados para escorregar
na ribanceira.

Des. 36

Esboço das folhas de palmeira que eram usadas como escorregas. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

CARTA 4

Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1975

D. Hercília

Reportando-me à minha carta anterior(Jan/75), em que aludí a vários argumentos relativos à edificação antiga, acrescento mais o seguinte:

A antiga cada que o Tio Serejo reformou só ocupava a área que hoje é a sala de visitas, a escada para o sobrado e os quartos pegados à escada. O sobrado, que era propriamente a casa, devia ter os cômodos pequenos, pois a sala tinha a entrada bem perto da janela, e estas ainda se conservam lá, embora a porta tenha sido transformada em janela. E chamam a atenção duas janelas tão perto uma da outra, o que qualquer construtor não faz sem qualquer motivo, que ali não havia!

Retomando, agora, o fio de minhas recordações; na varanda da entrada social, um pequeno banco de madeira, com encosto e armação muito simples de ferro.

Entrando no gabinete, tenho idéia de que os retratos de Augusto Comte e Clotilde Devaux, estavam na parede por traz da escrivaninha, entre as portas que davam para a saleta, e abaixo, o quadro a óleo de meu Avô sentado à escrivaninha, tendo ao lado, de pé, a Tia Aracy estudando.

Sobre a escrivaninha, uma pasta preta de encerado, muito usada nos colégios, tinteiro, canetas, um berço de mata-borrão e um suporte preto de ferro para os livros. Dois armários de livros, aos lados da janela, e na parede fronteira dois armários pequenos de madeira, com pequenas gavetas, parece-me que para fichas. Um retrato à óleo do Sr. Guimarães, cunhado de meu Avô, creio que estava na parede de lado da área.

Uma cadeira de balanço ficava mais ou menos fronteira à segunda porta, que dava para a saleta, e lembro-me que era de um castanho amarelado. O espaldar era coberto por um trabalho de crochê grená, em tiras de 1,5 cm, juntando umas estampas de 5x10cm, em linhas paralelas. Eram essas estampas de umas cores sóbrias, e, embora eu gostasse muito de olhar para eles, fazia-o sempre às carreiras, porque o gabinete estava quase sempre trancado.

A cadeira de balanço e a poltrona de escrivaninha estavam com os braços amarrados e entrelaçados com uma fita preta, estreita, para impedir que alguém se sentasse.

Na saleta, entre as portas que davam para o gabinete, o pequeno grupo de palinha, que felizmente está bem conservado, e na parede uma gravura referente à musica. Nas paredes fronteiras ao grupo, do lado direito havia na primeira parede um pequeno piano armário Pleyel, e ao lado, no canto, uma estante de ferro dourada, para estudo de violino de minha Tia Aracy. Não sei se esse estudo datava do tempo de meu Avô. Sobre o piano, um metrônomo. Na segunda parede uma estante de madeira com álbuns de musica para piano e para violino, guardava – também em suas caixas os dois violinos de minha Tia. As músicas de piano eram de vez em quando interpretadas por minha Tia Alcida, que a todos encantava com o sentimento com que ela as tocava.

Da saleta, passando para a sala de visitas, no canto à esquerda, encostado à parede maior, o sofá de palinha e as cadeira do lado, formando o grupo, sobre um tapete de uns 2mx3m de desenhos com cores variadas, sobre um fundo vermelho escuro. Nesse tapete minha Irmã e eu dormíamos, quando viemos pela primeira vez, pois todos os quartos estavam lotados, e aí ouvíamos até altas horas gemer o violino de minha Tia.

Ao alto do sofá, o quadro à óleo da Proclamação da República, que agora se acha muito danificado, e, ladeando-o, os retratos, em gravura, dos meus Avós.

Ao centro do tapete, uma mesinha redonda, tinha um desenho, que parece-me vê-lo ainda hoje, feito com folhas de avenca e

Samambaia e algumas floresinhas. Vi em um livro de trabalhos manuais como se fazia esse trabalho. Lembro-me ainda. Sobre uma superfície bem lisa, prega-se com alfinetes bastantes, de maneira a encostar bem à superfície tudo (flores e folhas) cujo contorno se queira reproduzir. Na mesinha redonda, eram folhas de avenca, de samambaia e algumas floresinhas. Depois de bem ajustadas, a uma altura regular do trabalho, passa-se um pincel molhado sobre uma tela de arame para respingar toda a 17 superfície. Naturalmente a densidade da tinta deve ser escolhida de modo que não escorra, para não borrar. Depois de seca a tinta, tiram-se os alfinetes e as folhas, e o contorno delas se destaca nitidamente. Passa-se então um verniz.

Entre as janelas, três para a frente, dois dunquerque. Sobre um deles, o busto em bronze de meu Avô com um pequeno pedestal, sobre um pano de veludo preto com franjas de prata. Um outro busto igual, mas sem pedestal, e ainda inacabado, ficava sobre o porta bibelô localizado, ultimamente, entre as duas janelas que dão para o caramanchão. Nesse móvel, pequenas lembranças eram guardadas, e, das que me lembro mais, dois gamos de madeira esculpida de uma delicadeza extraordinária, dois castiçais de ônix e prata, um leque de sândalo e um pintado. Na parte de baixo eram guardados álbuns de fotografias. Creio, que as fotografias formando dois grupos, Fraenkel e Oliveira, sobre veludo vermelho, estavam também nesse móvel, e bem assim uma fotografia de Eduardo Magalhães de Oliveira, falecido aos 3½ anos.

No canto, em diagonal com o grupo de palinha, estavam pregados na parede os retratos da família Gonçalves Dias _ um quadro à óleo, grande da filha Joana, abaixo o da Tia Olímpia, um pouco menor, e mais abaixo, bem pequeno, um muito bonito trabalho à óleo, parecia-me sobre porcelana, de Gonçalves Dias, sentado com o cotovelo apoiado sobre uma mesa e o resto sobre a mão.

No canto, do outro lado do corredor, um grupo estofado, creme com rosinhas, de pequeno sofá e duas poltronas. Sobre ele, na parede, dois grandes quadros de moldura dourada, com fotografias de oficiais, um deles com os oficiais do Batalhão Benjamin Constant e o outro com os de uma turma de

engenheiros militares. No cantinho a mesinha de carretéis e na parede a gravura de Paulo e Virgínia, com singela moldura dourada.

Nessa metade da sala, ao centro, a mesa grande com tampo de mármore, e debaixo dela a cadeira de palhinha, tipo austríaca de recosto, com espaldar alto, podendo dobrar sobre o longo assento.

O lustre, de vidro fosco, ao centro, devia ter cinco ou seis com camisa de gás, e tulipas foscas.

Quando da primeira vez que vim, os quartos no corredor estavam ocupados: à direita, de quem se dirigia para a sala de jantar, o primeiro era da Tia Leopoldina, o segundo, o que foi de meu Avô, estava minha Avó. Nesse, que tinha as letras A.M.S.C., 18 ouvi meu Tio Marciano dizer que significam _ Aqui Morou Sublime Conspirador. No terceiro, estava minha Tia Aracy. À esquerda, o primeiro dos pequenos era da Elvira, a "Viro" como todos chamavam a ceguinha que ficou agregada à família; no segundo, ficaram meus Pais; e, no terceiro, o casal Serejo, que nesse tempo já tinha o primeiro filho, Benjamin.

No corredorzinho, defronte ao quarto dos meus Avós, uma estante de ferro, dessas de livros, coberta com chita estampada, guardava diversos volumes e embrulhos. Um dos grandes baús sobre cavaletes, também lá estava. Os quartos todos dispunham de pequenos lavatórios de ferro, com bacia, jarro e balde esmaltados.

Na sala de jantar, onde a família se deixava ficar reunida à mesa depois do jantar até a ceia, sempre presidida por minha Avó, comentavam os grandes a vida, e em conselho eram tomadas decisões. Um dos convivas mais freqüentes era meu Tio Bevilaqua, grande prosador, fluente, contando frequentemente pormenores da vida de meu Avô, que ele muito bem conhecia, e por quem tinha um verdadeiro culto de admiração. Sentava-se ele à cabeceira, com um braço sobre o encosto da cadeira e outro sobre a mesa, e discorria sobre tudo com a sua empolgante oratória.

À direita do corredor a cadeira de balanço de minha Avó e algumas cadeiras. Entre as janelas, que dão para o jardim, uma secretária, e na parede, em quadro de moldura de madeira, a fotografia Pic-nic nas Paineiras. Entre as janelas, que dão para a entrada da sala , o aparador. À direita dele, pregado na esquadria da janela, um gancho de rêde, e o outro na esquadria da janela à esquerda da secretária.

Entre a janela, que dá para a escada e a porta de entrada, uma mesa preta com duas abas quase sempre arriadas, e nessa parede o relógio de pêndulo, que chamavam de oito.

Ao lado da porta de entrada, a pia. Entre as portas, que davam para a copa, o filtro de barro sobre um suporte de ferro , e o guarda comida.

Defronte à porta de entrada, o guarda-louça, com a parte de cima envidraçada, e onde se viam xícaras de porcelana chinesa, com desenhos vermelhos , grandes e pequenas, compoteiras de diversos feitios, dentre as quais uma eu admirava pela sua beleza. Eram duas caras de elefante unidas por traz, formando a compoteira pròpriamente, e as trobas como que formando as alças. A tampa era o guia sentado sobre umas almofadas, tudo tão bem talhado que demonstrava mão de verdadeiro artista. Havia tambem uma compoteira a 19 que lhe haviam quebrado o pé, e minha avó mandou colar um pé torneado de madeira, e assim muitos anos durou. Bandeijas diversas e uma galinhazinha de vidro branco fosco, deitada no choco, tambem muito bem trabalhada, e não se parecia com as de hoje, que só lhe dão ligeira semelhança.

Na copa, uma mesa ocupava a ala direita. No banheiro, alem da banheira e da privada, havia um latão grande circular de mais ou menos um metro de altura por cerca de cinqüenta centímetros de diâmetro, que servia para a roupa suja, e um tripé de ferro, que ainda lá se encontra para o suporte de uma bacia. A dispensa, muito estreitinha, tinha um armário grande para a guarda dos mantimentos, que todas as manhãs eram dados a cozinheira.

Na cozinha, tudo como qualquer outra cozinha, somente que as

panelas, todas de ferro esmaltado, faziam uma saborosa comida, cozida no fogo lento de lenha e coque.

No galinheiro, perto da porta da cozinha e encostada ao morro, e onde ainda se podem notar vestígios, a privada dos empregados, que, com as obras feitas, desapareceu, e não sei porque não foi substituída e não sei porque não foi reclamada.

Bem, D, Hercilia, por hoje termino. Tão logo me lembre de alguma coisa terei o prazer em lhe comunicar. Apresento pois meus respeitos.

Atenciosamente

BENJAMIN CONSTANT DE MAGALHÃES FRAENKEL

CARTA 5

Rio, RJ, Em 5/4/1975

Dna. HERCÍLIA

Pediu-me a Sra. Para falar sobre a vida em família, da casa de minha Avó. A Sra. pede-me a coisa mais difícil que poderia me pedir. Para tanto falta-me capacidade intelectual, cultura, e, agora, até preparo físico, pois a vista enfraquece-se dia a dia, e mal leio o que escrevo. Tenho que me limitar a dizer o que observou um menino, e depois um rapaz, que mais pensava no reboliço da vida.

Conheci a minha Avó, Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães, já com alguma idade, mas conservando sempre aquela beleza clássica e singela, sempre vestida de preto, e, só raramente, no verão, vestindo uma bluzinha cinza. Sempre com um leque, um pequeno avental cinza com um bolsinho, onde guardava as chaves.

O pince-nez, amarrado em cordão preto, prendia-se com um alfinete na blusa, e, quase sempre, estava jogado para as costas, por cima do ombro. Os cabelos presos em um coque, atrás. Pequenininha, ninguém, a primeira vista, adivinhava o grande valor que encerrava aquele corpo pequenino. Criteriosa, justa, enérgica, tinha sempre uma palavra carinhosa, principalmente para com as crianças. Às caladas, nunca faltava um brinquedo, embora modesto, para qualquer criança que aparecesse em sua casa, brinquedo dos quais sempre mantinha um pequeno estoque. Controlada sempre, o seu olhar demonstrava e expressava a sua aprovação ou não. Não permitia a quem quer que fosse contar episódios ou mesmo fazer comentários indiscretos na presença das crianças. Dirigia a casa com a exatidão de um relógio. Nunca soube de alguma dívida dela, cujas contas eram pagas religiosamente. Tudo sempre em ordem. No lado internos das portas dos armários, uma relação com seu conteúdo. As roupas, marcadas, e até com data de com-

pra. Os consertos feitos sempre com todo o cuidado. Os pertences de meu Avô eram periodicamente revistos e examinados, e preparados para sua boa conservação. Parecia até que o lema da nossa bandeira era uma homenagem a ela.

É-me difícil falar sobre uma pessoa que foi escolhida para ser companheira de um espírito de escol. O cuidado e o zelo dela era tanto para os vivos como para os mortos. Os vivos, que não eram poucos, nunca eram esquecidos, e uma sutil lembrança aparecia nos aniversários, sempre. Os mortos, que também não eram poucos, eram lembrados, e tinham um encarregado de fazer a limpeza das sepulturas e colocação de flores nas datas natalícias. E, quando possível, eram visitados em sua morada final.

Os vivos constituíam-se de os irmãos, cunhados, sobrinhos, as filhas, todas com numerosos filhos, e algumas já com netos, os amigos: Dna. Alcida Seixas e filhos e neta; Dr. Agliberto Xavier e família; Sr. Manoel Miranda e família; Sr. Oziel e família; Dr. Vicente de Souza, e muitos outros, que no momento não me ocorre.

Assim, o barco precisava de um timoneiro hábil, não podia haver melhor; mas as suas despesas aumentavam. Meu irmão Walter lembrou a minha Avó, nos últimos tempos que ela podia, para viver com menos cuidados, vender o terreno, que meu Avô comprara, em Copacabana, por um conto de reis, e que já valia bastante mais. O terreno era grande, e podia ser loteado, podendo Vovó vender alguns lotes. E isso foi feito, mas muito trabalho deu, e grande soma de contrariedades.

Era a minha Avó de uma incrível modestia, e só se assinava Maria Joaquina, sendo que, para a família, na correspondência, só usava um M e um J. Nunca eu a ouvi dizer que era a Viúva de Benjamin Constant, pois a viuvez de um homem ilustre não lhe servia de estandarte. Cultivava a admiração e o amor pelo seu marido _ no íntimo de seu grande coração ela não perdera um marido ilustre, mas sim um marido muito amado.

Corajosa, ela dizia sempre que nunca sofrera de dor de dente, por que logo que um dente lhe doía, incontinente, ela mandava

arrancá-lo. E, naquele tempo, não havia analgésicos, sem anestésias.

Contava ela que a filha Adozinda, quando pequena era muito teimosa, e por isso fora obrigada a castigá-la. A castigada abriu em um choro que muito durou, e , quando ela parou, e minha Avó pressurosa correu, perguntando: “Calou, afinal?”, e ela respondeu: “Estava descansando um pouco.”, e abriu novamente no choro, o que continuou com o castigo, só terminando este com o sono.

Com meu Tio Benjamin, também pequeno – era minha Tia Bernardina que contava – depois de uma grande travessura, com medo do castigo, escondeu-se na lata grande de roupa suja, que estava no banheiro. Minha Avó procurou-o por toda a parte, dizendo que, se ele não aparecesse logo, levaria um castigo de que ele haveria de se lembrar. Meu Tio vendo, então, que havia uma possibilidade de indulto, soergueu um pouco a tampa, e botou um dedinho de fora para ser percebido.

Nunca minha Avó perdia o bondinho do Plano Inclinado, o que acontecia com todos nós. Ela ia sempre com antecedência, e esperava a partida, sentadinha, no seu lugar. Mas, por diversas vezes, aconteceu-lhe uma coisa de que ela muito se encabulava : era perceber que estava sentada no bondinho, de touca e capinha, pronta para ir à cidade , e esquecera-se de tirar o avental e trocar os chinelos.

Um dia, não me lembro a propósito de que, ela narrou uma fato passado com ela e o marido, e era raro ela falar assim. Parece-me, ainda hoje, vê-la narrando o acontecido, e, com tal perfeição o fêz, que aparentava estarmos vendo.

CARTA 6

Rio, 7 de maio de 1977

D. Hercília!

Pediu-me a Sra para relatar-lhe a nossa vida em família e as impressões que eu tenho dos componentes dela.

Pediu-me, pois, uma coisa que para um escritor, seria muito fácil, mas para mim não o é. Falta-me a devida competência, o vigor e o prazer em viver. Velho, surdo, sem vista, de propósito escolhi um bloco de papel sem pauta, porque mais fácil me é para não sair da linha.

Tenho boa vontade mas falta-me engenho e arte.

A vida na casa da Vovó, transcorria em calma pois a timoneira, era enérgica, bondosa e ponderada.

Pequenina, no tamanho, sempre de preto, e arrumadinha dava gosto vê-la, irradiando simpatia, dirigir a grande casa. As creanças tinham nela uma amiga sempre pronta, para ajudá-las, mas não lhes podia suportar o barulho, e por isso, ficavam em plena liberdade em toda a chacara. Dentro da casa ela pedia calma e socêgo.

Às refeições, ela não se sentava á cabeceira da mesa, que competia ao chefe desaparecido, mas como ele sempre se sentava com a filha caçula, com o desaparecimento dele, a caçula continuou sentando-se a cabeceira.

Minha avó, sentava-se a direita dele, como braço direito de fato, que ela era. Servia a todos de pé, e só se sentava quando ia servir-se. Atenta a todos e a tudo, pigarreava aflita, quando alguém contava um fato, que ela achava que criança não devia tomar conhecimento. Da janela da sala de jantar, perto da escada ela atendia, padeiros, quitandeiros, peixeiros, vassoureiros, em fim a todos que iam oferecer as suas mercadorias.

Um aventalsinho preto, com bolso onde guardava as chaves e a carteira, e uns chinelinhos eram as coisas que ela não dispensava, como o pincenez, amarrado em cordão preto pregado com um pequenino alfinete de fralda na frente e jogado para as costas, onde ela facilmente o apanhava nas horas precisas.

E por causa desse costume de jogar o pincenez para as costas, deu-se uma vez um caso que ela contava com muita graça, e ela mesmo mesmo ria quando o contava. Em um dia de verão, o sol quasi a pino, ia vovó atravessando o largo de S. Francisco, para pegar o bonde de burro, que fazia ponto em frente a igreja, e que estava para sair, quando cruzou com outra senhora, também apressada, (...) e que também vestia uma capinha de renda, que naquele tempo completava o vestuário das senhoras. O pincenez da vovó com a pressa, balançava e se enganchou na capinha da senhora, e ficaram as duas, obrigadas a parar, para desfazer a prisão que levou bastante tempo, porque todas as duas, de idade, sem vêrem bem, e afobadas, acabaram perdendo os respectivos bondes.

Depois de certo tempo, Mamãe vendo que podia ajudar a Vovó a servir a mesa, tomou a si esse encargo, e como o lugar dela, lhe era fronteiro, tudo na mesa continuou na mesma.

Havia entre minha avó e minha Mãe, um entendimento tão grande, uma compreensão tão íntima que desaparecia a diferença de 16 anos entre as duas, para parecerem duas irmãs muito amigas.

E era natural essa compreensão, porque minha Mãe não podia ter melhor mestra nem melhor exemplo. Si a professora foi ótima, a aluna também o foi. Uma foi a continuação da outra.

Não tenho qualidades para julgai-as mas posso dizer que nunca, até hoje não lhes encontrei defeito.

Depois de minha mãe, veio a minha tia Adozinda. Também ela, era compenetrada, moderada, e também não falava muito. Agia sempre serena, muito bonita e muito simples.

Depois a tia Adozinda, a tia Alcida com as mesmas qualidades, mas já gostava de conversar e tocava piano com tanto sentimento que empolgava todos que a ouviam.

Depois da tia Alcida, o tio Benjamin. Esse também eu conheci e admirava-o muito. Eu era menino, mas gostava de vê-lo alegre, brincalhão, um bonito homem, atraente e muito elegante. Gostava de vê-lo sair à noite, com cartola, às vezes de fraque, outras de sobrecasaca. fumando um cigarro cheiroso, acho que de fumo inglês. A voz dele era de homem, forte e melodiosa. Nunca se me apagou da memória a figura dele. E ainda hoje me lembro do dia que fomos à rua Frei Caneca, à casa da Detenção onde ele estava preso, e apesar de ser aniversário dele, barraram a entrada, sem a menor consideração com a minha avó, minha mãe e minhas tias e, sem permitir vê-lo nem à distância e sem receber os presentes que levávamos para ele, obrigando-nos a voltar em um desconsolo doloroso.

Minha tia Bernardina também tinha todas as qualidades das irmãs, mas foi a primeira pessoa que eu vi chorar de alegria, quando chegamos da Europa depois de anos de ausência.

Tia Aracy, a caçula e por isso muito mimada, foi muito caprichosa, e sofreu muito com um reumatismo deformante que a prendeu ao leito muito tempo.

Voltando à sala de jantar, onde as refeições eram servidas nos horários comuns, era o ponto de reunião familiar, em torno da mesa, e como não havia televisão e rádios, a distração (...) a conversa, era a distração, enquanto se esperava a ceia.

Freqüentemente tio Bevilacqua, jantava lá, e era um conselheiro da família. A conversa dele, prendia até as crianças, ouvindo-o contar os episódios, da proclamação da República, sobre a revolta da Armada, sobre o Império etc etc.

Bem, D. Hercília, parece que até já estou caceteando de maneira que vou terminar recomendando-me respeitosamente aos seus.

Benjamin

Desculpe-me si houver erros, falta de palavras, e ortografia errada, mas si eu reler a carta ela não irá ter em suas mãos e irá diretamente para a cesta.

CARTA 7

Rio, 23 de Dezembro de 1978

Prezada D. Hercília

Bastante pesaroso fiquei com as ultimas noticias que a Sra. Me deu, a respeito do museu.

Diante do grande interesse em refazer o ambiente e atendendo ao apelo que a Sra. fez a Familia para ajudal-a e dar-lhe algumas informações, prontifiquei-me a fazel-o, já que tive a grande felicidade de passar alguns anos morando lá e conservar até hoje, de maneira indelével, a grata lembrança desses benditos tempos.

E com a melhor boa vontade, fiz rascunhos e esboços, mostrando como era a antiga casa, infelizmente modificada, e nela como era a disposição dos moveis, no jardim como eram os canteiros e na chacara quaes as (...) arvores que havia.

A disposição dos móveis era a que eu mostrei nos desenhos, e sobre o gosto da arrumação não posso discutir, pois para mim, não podia ser mais bonita. Representava o que a minha avó desejava, e na pessoa dela eu só via o modelo exemplar da mãe de família, honesta, justa, cuidadosa e atenta á direção da casa, não perdendo tempo em exhibir a arrumação, mas sim em receber com simplicidade e amizade, os amigos que a procuravam demonstrando pesar ao verem chegar a hora da retirada, tanto apreciavam o acolhimento.

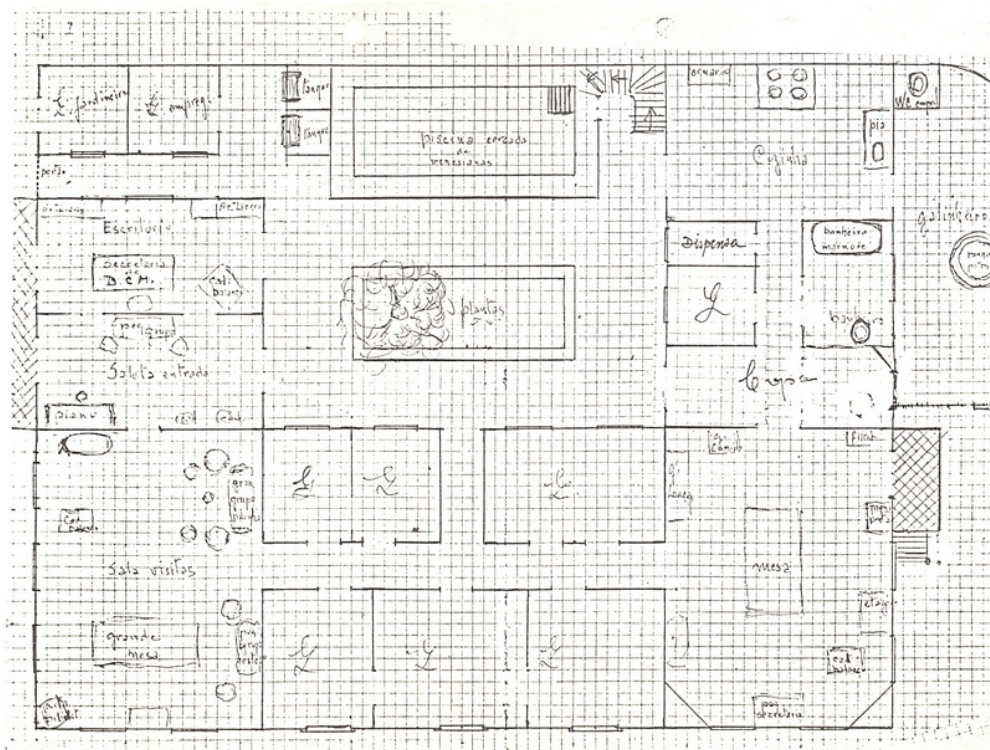
Aprimorado era o asseio, os moveis sempre limpos, o assoalho lavado sempre com agua, sabão e escova que chegava a ficar cheiroso, casando com o perfume que vinha do jardim, onde as murtas, as rosas, jasmims, bogaris deliciavam a todos, tornando o ambiente inesquecivel.

A época era bem diferente da de hoje, e não pode ser criticada, e quem me dera voltar a ela.

Não repare no desabafo, mas precisava faze-lo.

Cordialmente e a seu dispor

Benjamin Fraenkel



Planta baixa da casa com organização dos cômodos. Benjamin Constant de Magalhães Fraenkel. Década de 1970. Arquivo Institucional. MCBC, Ibram/MinC.

CARTA 8

Rio, 3 de Fevereiro de 1979

Prezada D. Hercilia

Acordei às 5 ½, e enquanto esperava o café, fiquei recordando a vida passada em Sta Tereza, e de repente me lembrei que não mencionei nos móveis da sala de jantar o cabide de chapeos.

Estava pregado na parede entre a porta do corredor e do guarda louça, e posso dizer lhe que até hoje, eu não vi uma peça igual. Era imitando galhos de arvore, da espessura de uns 3cts. De largura e em cor "castanho". Nele eram pendurados os chapeus das pessoas intimas que freqüentemente apareciam, entravam pela porta da sala e em geral ficavam para jantar.. O mais assiduo era o tio Bevilaqua, que depois do jantar presidia as sessões diarias em torno da mesa, ficando todos sentados em seus lugares, ou algumas creanças ficavam de pé, perto do grande conversador que ele era, e quase sempre brincando com seu anel de engenheiro militar.

Esse anel , era tambem uma preciosidade, pois os brilhantes que rodeavam a opala, eram grandes e lindos, cintilando á luz do gaz, nas voltas e reviravoltas que o tio lhe dava ao brincar com ele. [desenho do anel] Era assim mas depois de desenhado acho que era bem maior. Bem D. Hercilia acho que por hoje, basta pois já forcei bastante a minha vista, e a minha memória, que aos galopes está se retirando para o repousofinal.

Um bom dia é o que lhe desejo e recomende-me aos seus.

Sempre ao seu dispor

Benjamim

Desculpe-me o rascunho do anel, mas talvez dê para entender.

CARTA 9

Rio, 23 de Fevereiro de 1979

D. Hercilia

Aproveitando algum tempo e abusando da boa vontade que tenho tido, apesar de um olho só, procurei ainda elucidá-la a respeito da pia da cozinha, do feitio das moringas e da quartinha que eram daquele barro grosso que hoje não vejo por aí, e as chicrinhas que eu tanto gostava, porque no exterior não eram quase vistas, porque o uso do café depois das refeições não era comum.

Não sei porque, aquele copo de barro, com tampa se chamava quartinha, mas posso lhe dizer, que a Vovó não se recolhia à noite, sem levar ela mesma, a sua quartinha que mantinha a água numa temperatura muito baixa. Não era gelada, mas melhor que a gelada porque tinha a frescura natural da água de fonte. A sopeira, chamavam de pó de pedra, mas também não sei porque, mas não era louça “granfina”, não. Nos apreciávamos o que vinha dentro dela, feita na panela de ferro e no fogão de coque ou lenha, muito mais saborosa do que a feita no gaz.

Tinha começado a rascunhar uma compoteira, coitada, porque tinha um pé de madeira, mandado fazer para substituir o de vidro que tinham quebrado, mas o desenho não quebrou, mas ficou tão torto que foi rasgado.

Si houver uma maré favorável eu aproveitarei e tentarei refazê-lo.

Bem, por hoje chega, recomende-me a todos e disponha sempre

do amigo sincero

Benjamin

CARTA IO

Rio, 21 de Abril de 1979

D. Hercilia

Já não é a 1ª vez que a Sra me diz que si a casa de meu Avô, foi mutilada, foi porque a Família consentiu!

Não sabe a Sra. Quanto me doi ouvir isso!

Eu que sei e vi o quanto a minha Avó respeitou a memoria dEle, a ponto de, até nas menores cousas demonstral-o, como o fato de impedir com fitas pretas, que as cadeiras de uso d'Ele, de balanço e escritório não fossem utilizadas, como tive ocasião de lhe contar.

Não sei as condições em que foram feitas as obras, mas não posso admitir a acusação a Família, porque , quem a representava, era a minha Avó.

O prédio foi comprado pelo Governo, para instalar um museu e moradia da Viuva enquanto ela vivesse.

Queria a Sra que a Viuva fosse fiscalisar as obras? Quando ela não estava morando lá?

Queria a Sra que a uso-frutuaria fosse protestar contra as obras que o proprietário ia fazer em sua propriedade?

Desculpe-me dizer isso, mas si eu não respondesse, a Sra podia dizer que eu concordava com a sua afirmação, o que não é verdade, porque eu menino na época, me revoltei e com a minha Mãe comentei, e agora renovo o meu protesto.

Desculpe-me também a carta bilhete, mas é a única maneira que eu tenho que não me faz depender dos outros. Não preciso selar, nem ir ao correio, escrevo, fecho a carta e eu mesmo a ponho na caixa que bem perto de casa.

Não me leve a mal mas a dor de cabeça, creio que devido a vista, não me deixa muita paz.

Recomende-me a família e as suas ordens estou.

Benjamin

Caríssimo S. Benjamin

Recebi a sua carta de 21.4 e entristeceu-me a interpretação q. tiveram as minhas palavras sobre a reforma, alterações sofridas pela Casa do seu Avô. Compreendendo perfeitamente a boa vontade de João Serejo, a sua ingenuidade em alterar a disposição das peças, primeiro, derrubando a parede de ligação entre os dormitórios da ala interna, contíguos à sala de jantar, para melhor servir ao seu quarto conjugal. Mais tarde, talvez, para desfazer impressões dolorosas, demolindo o pitoresco sobradinho e, em troca, construir uma aberração, graças a Deus, demolida, mas q. foi responsável pela mutilação do quarto de Benjamin Constant e a transformação do quartinho de Walter em hall. Estas modificações não tiveram intenção maldosa, pois nem eu quero crer q. Serejo não alcançava o erro q. cometia, não se deu conta do fato. Reconheço q. sua Avó não deva gostado da surpresa, sabendo de sua veneração pelo marido. Imagino q. tenha, na ocasião, sido das poucas pessoas q. acreditavam na projeção histórica de sua vida. Mas de nada valia se indispor, uma vês que o erro já fôra cometido. A orientação para estas e outras alterações, não foram do proprietário, o govêrno, q. aceitou e realizou as sugestões recebidas do Serejo. O Sr. sabe também q. seus descendentes pretenderam lotear a parte aforada. Muitos amigos meus se candidataram à compra. A própria casa do seu avô foi oferecida ao Sr. Felisberto Brandt. Este me devolveu a planta q. lhe oferecera João C. Serejo p. providenciar as modificações p. a instalação do Colégio Thomaz de Aquino, o qual preferiu outro local na rua Alte. Alexandrino, na ocasião (a 1952 - 1956)

É possível q. no futuro haja sensibilidade p. reconstituir de todo o ambiente de Benjamin Constant. Para isto temos documentados as informações fornecidas pelo Sr. Sei q., no momento, a política do Patrimônio é restaurar a casa conforme a recebeu, reconstituindo, embora, as luminárias, bicos de gás e o papel de parede, assim como o jardim e o parque. Logicamente,

as alterações da casa, financiados pelo Patrimônio da União talvez, foram orientados, com toda a boa fé, pelo Mal. Serejo, bem como a escavação no morro, e modificações outras que modificaram absolutamente o panorama da época, s/ q. se possa retornar a êle. Com todo o respeito e afeto q. tenho pela memória do Mal. Serejo, não posso deixar de responsabilizá-lo por estas mutilações desastrosas. Do senhor, gostaria q. compreendesse o nosso grande desejo de transmitir a memória de seu avô, e estou certa de q. Benjamin Constant não está aborrecido com o genro. Ele passou aqui o menor período de sua vida. O seu espírito integra a história da liberdade e esta o cultura pelo estudo dos documentos, assim como a simplicidade da casa conotará a sua sobriedade e sensibilidade apurada no mais elevado grau.

CARTA 12

Rio, 3 de maio de 1979

Prezada D. Hercília

Recebi a sua carta e apresso-me a acusar o seu recebimento, porque além de fazer justiça a minha querida Avó, trouxe-me um grande alívio.

Nunca duvidei um só instante do que Ela deve ter sentido, ao ver a mutilação feita, e avalio por mim que era jovem o sofrimento d'Ela.

O consentimento, si Ela o deu deve lhe custado lagrimas, e muitas, e talvez que só, para não magoar a filha, onão tenha demonstrado.

Não quero mais tocar nesse assunto, para mim, por demais doloroso.

Agradeço-lhe as suas palavras e continuo ao seu dispor

Benjamin

CARTA 13

Rio, 4 de maio de 1979

7 horas

Prezada D. Hercília

Faltava falar-lhe sobre a vida da família na chácara de meu avô. Quatro pontos de acesso, serviam a chácara r. Monte Alegre 255, antigo 63, Ladeira do Castro acho que 138, antigo 12, r. Triunfo, e plano inclinado.

Monte Alegre era do comercio. Começava de manhã cedo, pelo leite e pão. Depois peixeiro, quitandeiro, doceiro, vassoureiro, funileiro, armazem, melado, mascate etc, etc, todos entravam e iam até a escada da sal de jantar, onde minha Avó da 1ª janela, entrava em entendimento. Naquela época o comercio procurava a freguezia, em casa, muitos levando mercadoria para escolher, outros, levando cadernos para as encomendas e pagamento no fim do mês.

Peixeiro e quitandeiro, com os cestos, como numa balança, penduradas às extremidades de paú, andavam com dificuldade pelo peso e balanço das mesmas. O peixeiro de longe, já se lhe sentia o cheiro, vendia o peixe e ali mesmo limpava e o escamava, e tinha que fazer a limpeza do local do que de vez em quando se escapolia, obrigando a empregada a fazel-a. O quitandeiro fazia até pena vel-o carregar aquele peso que envergava até o pau onde estavam penduradas as cestas que levavam, uma verdadeira quitanda de tão fornecidas que eram. Armazem, o caixeiro vinha tomar nota do pedido, depois voltavam com as encomendas que eram conferidas sempre. Esses trez freguezes eram diários, como tambem o padeiro do meio-dia, que com uma cesta do tamanho de uma mala grande trazia o pão,: francez, alemão e dôce, todos fresquinhos e apetitosos.

Os outros freguezes não eram diários, e o portão era fechado lá pelas 2 horas mais ou menos, obrigando muitos a voltarem, ou

Outros como eu, a pularem a grade.

O portão da Ladeira do Castro, quase que era só de saída, pois era muito fácil e rápida a descida que nos deixava na r. do Riachuelo onde o bonde era freqüente para o Largo S Francisco, Praça 15, Praça 11, Barcas e Estrada de Ferro. A subida da ladeira, já não era tão fácil, mas sempre se subia, por ter perdido o bonde do plano inclinado, que era de $\frac{1}{2}$ em $\frac{1}{2}$ hora, e não se queria esperar tanto tempo. Mas a Alcidinha, uma vez perdeu o bonde e resolveu subir a ladeira, e o esforço dela foi tão grande, que chegou antes do bonde, que levava 5 minutos na subida, mas caiu no chão exausta e quase sem poder poder respirar, deixando nos assustados. Carlitos ainda se lembra desse fato que foi presenciado pelas creanças que estavam no Olho de boi.

O portão da r. Triunfo, sempre fechado porque por ali, tinha que subir ou descer o morro inculto quase sempre, porque não havia dinheiro, para ter empregado cuidando de trazel-o desmatado. Mesmo assim a família Fraenkel tinha chave dele quando morou por duas vezes na rua do Triunfo, e, durante o dia funcionava.

O portão do plano inclinado, principal acesso social, era freqüentado por todos, moradores e visitas, que vinham pelo plano inclinado ou pela Carioca, saltando no Largo dos Guimarães, e indo pela rua Vitoria sempre mal calçada, mas compensava, porque os bondes eram mais freqüentes, iam para o Silvestre, Lagoinha Vista Alegre e Paula Matos. Eram de 5 em 5 minutos ou de 10 em 10, em determinadas horas.

7,40 Vou suspender pois já me doi a vista e conseqüência cabeça.

Dia 5 – Hontem, não foi possivel continuar.

As pessoas de cerimonia e conhecidas tocavam a campainha da varanda da frente e eram atendidas na sala de visitas, as intimas e os parentes entravam pela porta da sal de jantar, o que justificava o cabide de chapeus que lá existia, pois ninguem, naquele tempo ia a rua sem chapeu. Era na sala de jantar que a familia ficava reunida conversando, depois do jantar até a ceia, mais ou menos ás 9 $\frac{1}{2}$. Era a maior distração da época,

porquanto não havia cinema, nem radio e televisão. Acho que a televisão veio acabar com a vida social das famílias, que não mais se visitam por não quererem perder as novelas.

O movimento da casa começava cedo, pela limpeza da sala de jantar antes de servir o café. Depois as empregadinhas, mininotas por serem mais baratas, abriam a sala de visitas, saleta e gabinete, para a limpeza, finda a qual, fechavam as venezianas somente.

Quando o sol era mais forte o ambiente da sala de visitas era de um verde malva, devido ao verde das venezianas; já a saleta e gabinete era mais claro por causa das venezianas de vidro fosco.

As janelas dos quartos que davam para area interna nunca eram fechadas pois as grades as protegiam. Sempre morei nos quartos internos e a minha visão, quando não solto na chacara, era o canteiro interno, a picina, os quartos dos empregados e a escada para o sobradinho. Daí, a minha tristeza, quando só vejo aquela parede lisa e tudo desapareceu.

Só o canto das cigarras no verão, e o dos passarinhos na chacara, dão uma nota alegre no ambiente.

O canto triste do coleiro, o maroto, do Bem te vi, o eu vi teu tio, tio do Tico-tico, e o pipilar dos bicos de lacre que em bando fugiam do canpinzal quando sentiam uma pessoa, trazem tantas recordações daqueles saudosos tempos. Da sala de jantar se divisava só o alto da torre do corpo de bombeiros, pois ficava atrás do morro do Senado, o 1º morro a sêr derrubado; No alto do morro ficava o fundo do Colégio Alemão, cuja entrada era na rua do Rezende, e quando lá fazíamos ginastica eu via a casa querida cujas palmeiras de longe eram vistas. Ainda hoje, de qualquer lugar alto, na cidade, sempre procuro localizar a minha namorada querida. Hoje, porem tornou-se dificil localisal-a, a minha pouca vista, a falta das palmeiras, a quantidade de edificios me atrapalham. Testemunha dessa minha preocupação é a sua filha Ângela, que me viu do escritorio do meu sobrinho, na Avenida Passos procurar localizar a casa do meu avô.

Voltando aos costumes da casa, depois da ceia, começava a retirada para os quartos. Os primeiros a se retirarem aproveitavam a luz da sala, e, já nos quartos acendiam as velas dos castiçais que os haviam sempre com a caixinha de fosforos. Si pretendiam fazer alguma coisa, mais demorada, acendiam o bico de gaz da parede.

O ultimo a se retirar da sala, apagava a luz da sala. O silencio da noite, só era interrompido pelo latir dos cães, atraz de uma gambé ou de um gato. Nos ultimos tempos já não havia mais os cães.

E assim começava outro dia naquela pacata mansão.

Nas reuniões da familia a vovó, sempre atenta á conversa, começava a pigarrear e com os olhos em direção as creanças, fazia sinal para que a conversa não fosse despertar a inocencia das creanças. Separações, infelidades etc, etc assuntos proibidos.

Quando falei sobre os freguezes, esqueci o açougueiro, que já naquele tempo, fazia as malandragens, de contra-peso de pelancas, osso etc etc, e as reclamações não faltavam, e muita vez, a carne voltava para ser substituída.

Na cidade, sempre que havia uma mudança, quando os móveis, começavam a entrar, entravam tambem os frequezes pedindo a preferencia, e deixam os cartões com os endereços, mas sem telefones.....

A minha cabeça anda piorando muito, e o esquecimento cada vez maior, por isso eu não sei si já lhe falei da cancela que havia na cozinha, na porta que dava para o galinheiro e onde de quando em vez uma galinha se empoleirava fazendo um barulho que assustava a quem no momento, estava presente.

Bem D. Hercilia, por hoje vou terminar e não sei posso continuar, porque sou capaz de repetir o que já disse, sinal de arterio esclerose.

Posso dizer que talvez seja o canto do urubú, e não do cisne, que eu não sou pretencioso.

Não seu porque Deus não fez os homens como fez os urubús. Seria a paz no mundo. Todos iguais, homens mulheres, todos feios, catingentos! Não haveria inveja, nem infidelidade, nem traições...

Tudo igual, tudo feio, para que brigar?

Bem, D. Hercília, pedindo desculpas pela xaropada acho que não lh'a darei mais. Desculpe também os erros, posso ferir a gramática, mas não a verdade.

Ao seu dispor

Benjamin

CARTA 14

Rio, 7 de Maio de 1979

Prezada D. Hercília.

Veja que eu não posso estar escrevendo. Hontem a noite depois de terminar a carta, fiquei remoendo todas aquelas lembranças e outras foram surgindo, de maneira que só muito depois das 4 horas da manhã é que eu pude conciliar o sono, e já às 7 estava tomando café. Bem, já falei de mais em mim, chega.

Numa daquelas reuniões depois do jantar alguém falou em encubulação, e Vovó naquela noite estava com vontade de falar, então nos contou um episodio que se passara com ela, algum tempo depois de casada. Ela foi com meu avô á cidade, e na volta, passando por uma rua em que morava um amigo dele, ele lhe propôs fazer uma rapida visitinha.

Ela concordou, mas quando tocaram a campainha, ouviram barulho de talheres. Ela então, rapidamente disse a mau avô, que si os convidassem para jantar, Ele dissese que já tinham jantado. Ele nada disse, mas quando o convite foi feito pelo amigo, que ra intimo dele; mas que Ela visitava pela 1ª vez, Ele respondeu: Para falar francamente, eu ainda não jantei, mas a Sinhá aqui, disse para eu responder que já tínhamos jantado. Ela já estava encabulada por ser a 1ª visita, e a essa resposta, Ela sentiu tanta vergonha que teve vontade de se meter debaixo da mesa. E ria lembrando-se do fato.

Outra vez, estavam todos reunidos quando chegou meu irmão Walter, com um resfriado daqueles, e uma tosse ainda pior. Vovó, coitada lembrou-se que tinham no armario de remedios , aquele no canto da sala, ali juntinho, um remédio muito bom. Mandou buscar uma escadinha e Lea mesma foi procural-lo. Achou-o.

Era o xarope peitoral calmante do Dr. Fulano, de quem não me lembro o nome. Pediu uma colher de sopa e Ela mesmo, com a mão d'Ela deu o remedio ao meu irmão. Meu irmão, que 37 estava sem olfato não lhe sentiu o cheiro, e quando o sentiu na boca saiu correndo e cuspiu pela janela.

Era acido fenico, e ninguem descobriu quem fez a troca. Vovó coitadinha ficou aflitissima e lembrou logo o Dr. Moura, Guilherme de Moura, médico muito bom muito prestativo, e que morava na rua Terezina. Meu irmão saiu correndo, passava de 9 ½. Eu fui logo atraz, mas o Walter corria mais. O guarda noturno, vendo aquelas corridas, poz-se a apitar. Tive que parar para explicar. Quando cheguei, a Sr^a do Dr. Moura já estava providenciando, executando as ordens do marido. Felizmente na quantidade minima, tinha ido para a garganta. A queimadura foi na boca. Mas Vovó passou mal, e só socegou quando viu que o Walter já estava bom.

O Dr. Moura, era muito dedicado a sua profissão, e nunca deixou de atender a um chamado fôsse qual fôsse a hora, e até doente, as vezes ele mesmo não faltava ao chamado, percorrendo Sta Tereza, sempre a pé.

Quando ele faleceu, acho que já estava aposentado como preparador de fisica do Colégio Pedro II, e morava na casa que construira na esquina da r. dos Junquilhos, hoje Felicio dos Santos com a ruas Constante Ramos, bem defronte da casa do Dr. Felicio dos Santos. Encontrei-me na missa com o Raja Gabaglia, que era diretor do Pedro II, e pedi-lhe que falasse com o Prefeito para pôr o nome dele, numa rua de Sta Tereza. Ele prometeu , mas não ligou, apesar d'eu lhe ter falado em um abaixo assinado ao Prefeito.

Ele era o pai do Paulo Leão de Moura, nosso embaixador e hoje nosso ministro, e até hoje não lhe prestaram essa justa homenagem.

A Elvira, Viro, a ceguinha, dividia seu tempo em casa da Vovó, e da casa da tia Adozinda. Sempre alegre, ficava contente quando lhe pediam, para cantar, o que ela fazia com muito gosto com as canções, lundus e modinhas. Mas quando estava em Sta Tereza,

a noite ela ia dar os cafunés na Vovó que os adorava. Eu quis uma vez experimental-os e os achei detestáveis. E a vida assim corria mansa e feliz, apesar das dificuldades, no calor da família.

Frequentavam a casa, muitos militares, quase todos engenheiros militares, e por isso doutores.

E por doutores eram tratados, pois difícil era guardar de cor, a patente de cada um, e como andavam a paisana, mais difícil ainda ficava, assim Dr. Frágoso, Dr. Gomes de Castro, Dr. Barboza Lima, Dr. Rondon, Dr. Serejo, Dr. Bevilacqua etc etc.

Vovó sempre chamou o marido de Dr. Benjamin, Minha Mãe, ao meu Pai, Sr. Carlos, e aos cunhados Dr. Bevilacqua, Dr. Serejo, Dr. Alvaro.

Preciso justificar porque os oficiais andavam a paisana, pelo menos eu acho que sei qual a razão.

O clima do Rio naquele tempo, em que não tinham derrubado os morros, eram de calor de 1º de janeiro até 31 de dezembro.

A farda era o garance, uma fazenda que se aproximava do feltro, portanto muito quente, ainda muito pesada pela quantidade de botões.

Só havia o dolman, fechado até o pescoço com uma gola de no mínimo 5 centímetros de altura, três fileiras de botões com 7 botões em cada uma, e cada botão que era de metal, já pesava um pouco.

Os oficiais, quase todos engenheiros, não estavam arregimentados, funcionavam no Quartel General, onde mudavam o traje civil pelo militar.

Bem, D. Hercília, já está muito longa a carta, a cabeça já não funciona muito bem, e creio que já começo a repetir coisas fatos já contados, e para não ser classificado de miolo mole.

Me despeço pondo-me ao seu dispôr para qualquer duvida sobre
o que lhe diga.
Recomende-me aos seus
Benjamin

CARTA 15

Rio, 18/5/79

D^a Hercilia

A Sra me desculpe de eu não ter atendido ao seu telefonema, mas eu estava passando mal, com bastantes dores, e pode ficar certa que eu esperava um telefonema seu para falar sobre o assunto, que passo a expôr: Acho que aquele professor, que foi procurar a Sra; aquele que ocupa a cadeira de B.C., parece, que na Academia de Letras de Petropolis, podia aproveitar a ocasião que o Irã está mostrando o atraso em que se acha o mundo, para mostrar o exemplo que o Brasil deu, tratando com humanidade e delicadesa de sentimentos os seus antigos dirigentes. Não repare si não me fiz mais claro, mas estou escrevendo as carreiras, e tenho a certeza que a Sra entendeu muito bem aonde quero chegar.

Com as recomendações ao Dr. e desejo de bem estar da Família

Sou sempre o mesmo
Benjamin

CARTA 16

Rio, 21 de junho de 1982
12 horas e 11 da noite

Prezada D. Hercília

Rolando na cama desde 10,20, depois de ter dormido das sete, até essa hora, não querendo voltar o sono, resolvi então escrever para passar o tempo. Pensava na minha infância em Santa Tereza, que saudade que não me larga, e resolvi então escrever a S^a que é das pessoas que se preocupam comigo. Dizem que velho não, precisa dormir. De fato, velho precisa morrer para descansar de vez. Bem, a Sra não gosta que fale assim. Falarei como a Sra gosta. Aquele Antonio Marinho de Santos Costa (já nem sei si o nome é esse, devia ser dono de uma pedreira. Era uma profusão granítica na rua Monte Alegre 63 hoje 255. Aquelas grandes lajes logo na entrada do portão iniciando a alameda desde a porta até a coqueira (depois casa dos Serejos), toda calçada e bem calçada até hoje de paralelepípedos! Sobre o muro, desde o portão até o chalé, aquelas lajes de apoio das grades, e por onde passei tantas vezes quando encontrava o portão fechado. As escadas nas entradas da casa, na área, os tanques 2, todos muito amplos com as pedras próprias inclinadas para esfregar a roupa, o caminho em volta da piscina todo de Lages de granito! E tudo isso sumiu sem tomar "Doril" exquisitesmo não é?

Engraçado que as soleiras dos quartos de empregado e as do sobradinho, que tanto me encantavam e nas quais tantas vezes me sentei, eram de pinho, branco de tanto serem lavados. Acabou o granito, mas o sono não veio. Quando me lembro da casa como era, comparo-a a um despertar de um lindo sonho, que queremos continuar e não conseguimos, transformando-se em um pesadelo.

Bem, D. Hercicilia, vou suspender, não porque o sono tenha vindo, mas por que me doem as costas por estar sentado. Muito obrigado pela imerecida importância que a Sra me dá. Veja só si não estou de miolo mole. Levantei-me para acrescentar.- A pedreira devia sêr em Portugal, o granito todo é português, daquele que vinha, principalmente enchendo os porões da frota portuguesa que levava o café, e para não virem vazios traziam paralelepipedos formando lastro para o poderoso Portugal, e sendo recebidos como que ironicamente, aqui, pelo nosso "Pão de Assucar.

